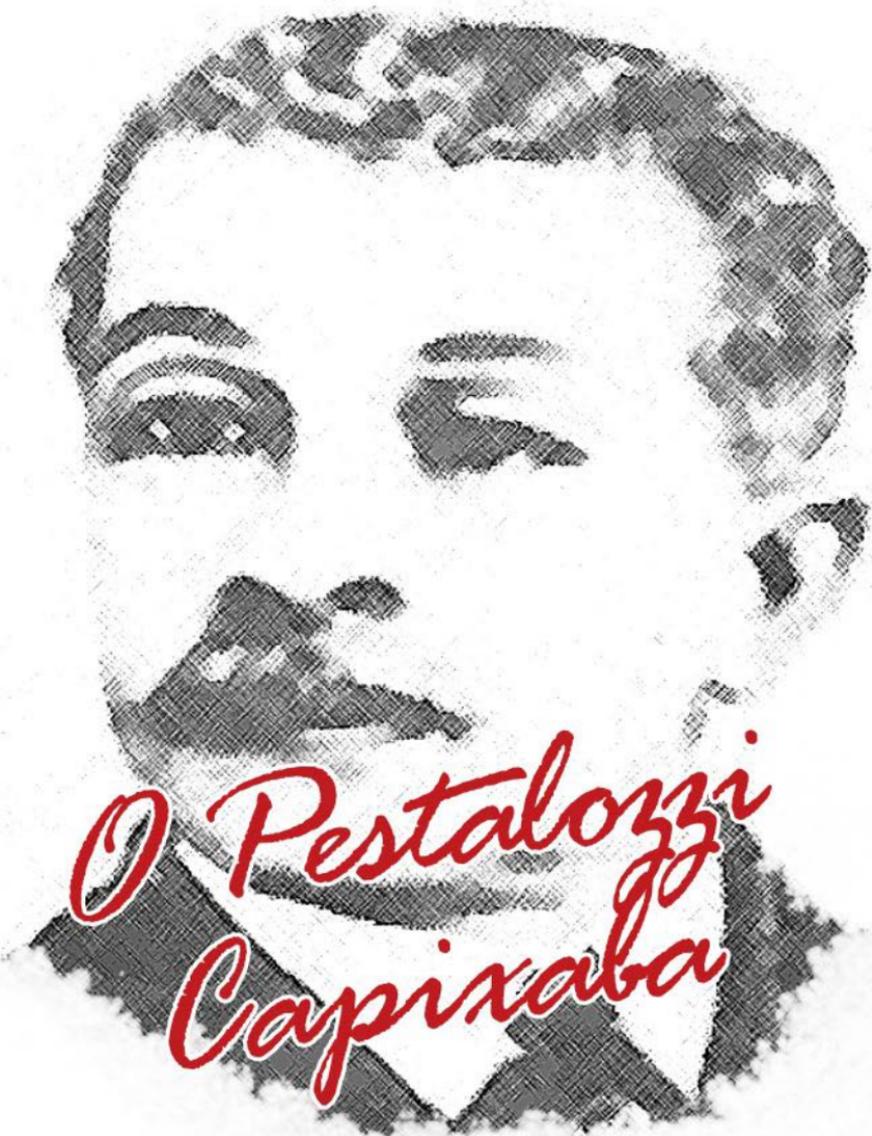


*Organização, seleção, notícia biográfica e  
estudo crítico por Francisco Aurelio Ribeiro*

---



*O Pestalozzi  
Capixaba*

*Amâncio Pereira: Vida e Obra*

c o l e ç ã o *Roberto Almada*

# O Pestalozzi Capixaba

*Amâncio Pereira: Vida e Obra.*



PREFEITURA DE  
VITÓRIA



ACADEMIA  
ESPÍRITO  
SANTENSE  
DE LETRAS

**ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS**

Ester Abreu Vieira de Oliveira (Presidente)  
João Gualberto M. Vasconcellos (1º Vice-Presidente)  
Álvaro José Silva (1º Secretário)  
Marcos Tavares (1º Tesoureiro)

**SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA  
PREFEITURA DE VITÓRIA**

Luciano Santos Rezende (Prefeito Municipal)  
Sérgio Sá Freitas (Vice-Prefeito)  
Francisco Amálio Grijó (Secretário Municipal de Cultura)  
Leliane Krohling Vieira (Subsecretária)  
Elizete Terezinha Caser Rocha (Coordenadora da Biblioteca Municipal Adelpho  
Poli Monjardim)

*Organização, seleção, apontamentos biográficos  
e estudo crítico de Francisco Aurelio Ribeiro*

*O Pestalozzi  
Capixaba*

*Amâncio Pereira: Vida e Obra.*

Vitória (ES)  
Prefeitura Municipal de Vitória  
Secretaria de Cultura  
2020

Copyright © Prefeitura Municipal de Vitória, 2020

-----  
CONSELHO EDITORIAL

ADILSON VILAÇA • ÁLVARO JOSÉ SILVA • ESTER ABREU VIEIRA DE OLIVEIRA  
FRANCISCO AURELIO RIBEIRO • ELIZETE TEREZINHA CASER ROCHA  
GETÚLIO MARCOS PEREIRA NEVES

-----  
ORGANIZAÇÃO E REVISÃO: FRANCISCO AURELIO RIBEIRO  
CAPA E EDITORAÇÃO: DOUGLAS RAMALHO  
IMPRESSÃO: GRÁFICA E EDITORA FORMAR

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca Municipal Adelpho Poli Monjardim (Vitória/ES)

---

P476 O Pestalozzi Capixaba : Amâncio Pereira : vida e obra / organização, seleção,  
apontamentos biográficos e estudo crítico de Francisco Aurelio Ribeiro. –  
Vitória, ES : Secretaria Municipal de Cultura, 2020.  
120 p. ; 21 cm.— (Coleção Roberto Almada, 32).

ISBN 9786589121053

Publicação em convênio com a Academia Espírito-Santense de Letras.

1. Literatura brasileira – Crítica e interpretação. 2. Teatro brasileiro.  
I. Pereira, Amâncio 1862-1918. II. Ribeiro, Francisco A. III. Série.

CDD B869.09

B 869.2

CDU 869.0(81)-09

---

Distribuição Gratuita. Venda Proibida.  
Biblioteca Municipal de Vitória “Adelpho Poli Monjardim”  
bmvitoria@correio1.vitoria.es.gov.br  
55 27 3381.6926



*Amâncio Pinto Pereira*  
*08/04/1862 - 13/08/1918*

*In Memoriam*



## Sumário

<i>Apresentação</i>	<i>09</i>
<i>Prefácio</i>	<i>11</i>
<i>Cronologia</i>	<i>13</i>
<i>Notícia Biográfica</i>	<i>35</i>
<i>Estudo Crítico</i>	<i>49</i>
<i>Antologia Poesia</i>	<i>67</i>
<i>Antologia Prosa</i>	<i>77</i>
<i>Anexo</i>	<i>87</i>
<i>Referências</i>	<i>117</i>



## Apresentação

Este volume 32 da coleção Roberto Almada homenageia o professor, escritor, historiador, dramaturgo e jornalista Amâncio Pinto Pereira (1862-1918), um dos mais ilustres escritores capixabas de sua geração, hoje, injustamente esquecido, talvez por sua origem humilde e negra. Curiosamente, Amâncio Pereira era amigo do também professor Amálio Grijó, meu trisavô, a quem dedica o poema “Sonhando”, publicado em 1882. Provavelmente, cursaram juntos o curso de “Mestre Escola”, anterior ao Normal, ministrado pelo governo estadual no Ateneu Provincial, na década de 1870.

Amâncio Pinto Pereira (1862-1918) foi um dos mais importantes escritores de sua época, tendo escrito poemas, contos, novelas, romances, artigos, almanaques, didáticos, e se consagrou como dramaturgo, por suas comédias, dramas, revistas e operetas, encenados nos teatros de Vitória por mais de trinta anos, de 1890 a 1920. Participou da vida cultural de Vitória em toda a sua existência e formou uma geração de capixabas amantes da história e da cultura do Espírito Santo. No entanto, seu nome e sua obra estão, hoje, desconhecidos pela maioria da população capixaba. De sua vasta obra literária, informativa e didática, só se encontram algumas poucas em nossas bibliotecas, sobretudo as últimas. Nenhuma antologia de poemas contempla sua obra poética, nem mesmo a de prosa. Por sua origem humilde, sem ter escolarização superior e ser descendente de negros, sofreu discriminação social, cultural e racial e, talvez por isso, sua obra, sobretudo a literária, tenha sido menosprezada pelos historiadores da literatura produzida no Espírito Santo, em todos os tempos.

Nada mais justo, portanto, que a justiça seja feita, ainda que tarde, com a publicação deste livro numa coleção que homenageia e recupera a memória dos escritores capixabas do passado, para que as novas gerações conheçam um pouco a vida e a obra deste ilustre vitoriense, hoje, injustamente esquecido.

*Vitória, dezembro de 2020*  
Francisco Grijó  
*Secretário de Cultura de Vitória*



## Prefácio

Este “O Pestalozzi Capixaba. Amâncio Pereira: Vida e Obra”, livro organizado pelo Prof. Francisco Aurelio Ribeiro, Presidente de Honra da Academia Espírito-santense de Letras, é o 32º volume da Coleção Roberto Almada, criada por Adilson Vilaça, acadêmico e atual Vice-Presidente da AEL, na Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de Vitória, em 1993, para homenagear os escritores capixabas falecidos e recuperar-lhes a memória, muitas vezes esquecida. Esta coleção, iniciada há 27 anos, já homenageou importantes nomes das letras capixabas como Roberto Almada, Amylton de Almeida, Lacy Ribeiro, Haydée Nicolussi e tantos outros, agora homenageia o Professor e Escritor Amâncio Pinto Pereira (1862-1918), um dos mais ilustres capixabas de sua geração, abolicionista e republicano de primeira hora, que, junto com Aristides Freire, fez parte do grupo de criadores do teatro capixaba e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, em 1916. Amâncio Pereira foi o escritor homenageado pelo Núcleo de Pesquisas de Literatura do Espírito do PPGL-Ufes, em 2020, no VIII Bravos Companheiros e Fantasmas, Seminário sobre o autor capixaba.

Amâncio Pinto Pereira nasceu em Vitória, ES, em 08 de abril de 1862 e também faleceu em Vitória, em 13 de agosto de 1918. Foi Professor Primário. Ainda estudante, aos 16 anos de idade, fundou, juntamente com outros colegas, o Clube Saldanha Marinho, de feição republicana, manifestando-se, desde moço, em favor da abolição da escravatura através da imprensa de sua província. Foi fundador e redator de dois jornais: Sete de Setembro e a Gazeta Literária, além de haver colaborado nas seguintes folhas: O Espírito-santense, Gazeta da Vitória, Gazeta do Itapemirim, Pyrilampo, Comércio do Espírito Santo, Echo da Lavoura, Autonomista, A Tribuna, Jornal Oficial, Diário da Manhã, Nova Senda, Regeneração, Meteoro, O Semanal, O Lidador, O Combate, Alvorada, A Ordem e na revista humorística O Olho, de Luiz de Fraga Santos e Aristóteles da Silva Santos. Publicou, abrangendo desde trabalhos didáticos até peças teatrais, os seguintes livros: Noções abreviadas de Geografia e História do Espírito Santo, em cinco edições, a primeira datada de 1894 e adotada, como as demais, pela Diretoria da Instrução Pública do ES; Almanaque do Espírito Santo, o pri-

meiro em 1899, o segundo, em 1918 e o terceiro, edição póstuma, em 1919; Traços biográficos, 1897; Folhas avulsas, 1895; Folhas dispersas, 1896; Humorismos, contos, 1897, Benevente, cidade de Anchieta, c.1900; Na lua de mel, comédia, 1895; O tio Mendes, comédia, 1897; O engrossa: Virou-se contra o feiticeiro, comédia, 1890; Apuros de um marido, comédia em um ato; Jorge ou perdação de mulher; novela; Homens e coisas do Espírito Santo, em dois volumes, o primeiro datado de 1897 e o segundo em edição póstuma; Datas espírito-santenses, em dois volumes, o primeiro publicado em 1909 e o segundo em edição póstuma. Deixou vários trabalhos inéditos (peças teatrais, operetas infantis e um romance). Pertenceu à Societé Academique de Histoire Internationale de Paris, ao Instituto Histórico da Bahia, ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, ao Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba e ao Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Segundo Oscar Gama [Filho, em Teatro romântico capixaba {1987}], foi o primeiro dramaturgo brasileiro a escrever peças teatrais dedicadas ao público infantil. (Verbete do livro Patronos & Acadêmicos da Academia Espírito-santense de Letras).

Quando a Academia Espírito-santense de Letras foi fundada, em 1921, seu filho, Heráclito Amâncio Pereira, foi o primeiro ocupante da cadeira 5 e o nome do pai foi escolhido para Patrono.

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ester Abreu Vieira de Oliveira  
*Presidente da Academia Espírito-santense de Letras*

## *Cronologia*

*08/04/1862*

Nasceu em Vitória, filho natural de Maria Tereza dos Remédios. Teve outros irmãos: Aristides Barbosa Pereira, José Barbosa Pereira e Augusto Barbosa Pereira e uma irmã, Maria, morta na infância. Não se lhes conhece o pai. Conta a neta Mariazinha, a Maria da Penha Amâncio Pereira, que a mãe dele, a Tetê, teve um baú de joias roubado por um compadre de Campinas, a quem hospedou, o que lhe provocou distúrbio mental. Seus filhos foram criados por sua irmã, Francisca Pinto Pereira, a tia Chiquinha de Caçaroca, casada com Antônio Rodrigues Pereira. Também há registros familiares de outras duas irmãs de sua mãe, Aureliana, conhecida como Titião, e Belarmina, a Mamina, que teria recebido um broche de presente da Imperatriz Teresa Cristina, em sua vinda a Vitória, em 1860.

*c. 1869-1872*

Fez o curso primário com o Prof. Aristides Freire (1850-1922), seu mentor intelectual e que, certamente, o influenciou em sua vocação profissional, literária e artística.

*c. 1875 a 1877*

Cursou o Colégio Normal do Espírito Santo, fundado em 1871, formando-se mestre-escola, profissão que iria exercer dos 20 anos até a sua morte.

*1878-9*

Iniciou o curso Secundário no Ateneu Provincial de Vitória, colégio criado para servir de preparatório à carreira universitária para os filhos da elite capixaba. Não concluiu o curso e não pôde prosseguir para a carreira jurídica, como almejava, por falta de recursos financeiros.

09/11/1878

Era o Primeiro Secretário Interino da Sociedade Melpômene, que, depois, se tornaria o Grêmio Dramático Particular Sete de Setembro, responsável pela exibição de peças teatrais em Vitória. Nessa data, no jornal “Sete de Setembro”, convida para a apresentação do drama “Vítimas e Algozes ou Os mistérios do campanário” seguida da comédia “As saias nas calças e As calças nas saias”.

23/05/1879

Foi um dos fundadores do Clube Republicano Saldanha Maranhão, junto com os colegas do Ateneu Provincial, sociedade artístico-literária embrionária dos abolicionistas e republicanos capixabas. Entre os fundadores estavam Lídio Mululo, Chapot Prévost, Amâncio Pereira, Cândido Santana, Antônio Ataíde. Fizeram uma passeata até o Cais do Imperador, hoje Porto de Vitória, cantando o hino “Nova Legenda”, composto por José Joaquim Peçanha Póvoa (1836-1904), jornalista e professor, também autor do “Hino da Mocidade Espírito-santense”, cantado pela primeira vez em 1880 e que se tornaria o Hino do Estado do Espírito Santo, a partir de 1908.

c.1880-1882

Trabalha no Tesouro Provincial como guarda-livros e começa a atuar na imprensa como redator, crítico teatral e a publicar seus primeiros textos em prosa e em verso.

14/02/1880

Aos 18 anos incompletos, escreve seu poema “Vozes D’Alma”, dedicado ao Prof. Aristides Freire e com alusões aos seus trabalhos dramáticos. Desde o título, é evidente a influência de Castro Alves em seus primeiros escritos.

1882

Aos vinte anos, inicia a publicação de crônicas, artigos e poemas, no jornal abolicionista “O Baluarte”, fundado por Francisco Tibúrcio Oliveira, do qual foi redator até novembro de 1882. Fundou e redigiu os jornais “Sete de Setembro” e a “Gazeta Literária”.

03/06/1882

O Presidente da Província Inglês de Sousa, nomeado em março desse ano, interessado na reforma da Instrução Pública no ES, convidou de São Paulo o Dr. Antônio da Silva Jardim, professor da Escola Normal de São Paulo, para divulgar, no Espírito Santo, o método de ensino João de Deus. Ele chega a Vitória em 13/06/1882 e ministra um curso de Pedagogia, com diversas conferências, no Colégio Nossa Senhora da Penha às professorandas e pessoas interessadas na carreira do magistério. Amâncio Pinto Pereira faz esse curso e se habilita a ser professor primário. O curso termina em 01/08 com a volta do Prof. Silva Jardim a São Paulo.

01/09/1882

Publica seus primeiros poemas “Vozes D’Alma”, dedicado ao Prof. Aristides Freire e “Sonhando”, dedicado a Amálio Grijó, no periódico “O Baluarte”, de que é Redator junto com Tibúrcio de Oliveira. É, provavelmente, o redator da coluna “Roda-pé”, onde faz crítica teatral e de costumes. As encenações teatrais eram na sala da sociedade “Melpômene”, de que era Secretário Interino.

07/09/1882

Publica o poema “O Escravo”, dedicado a José do Patrocínio, em “O Baluarte”.

28/09/1882

Publica em “O Baluarte” o texto “À Memória do Visconde do Rio Branco”, pela morte do autor da Lei 28 de Setembro de 1871, a chamada Lei do “Ventre Livre”, que decretava livres os nascidos de escravas. O texto afirma que José Maria da Silva Paranhos, o Visconde do Rio Branco, “deu ao escravo o direito de cidadão, preparando o estado social e vigorando os sentimentos nacionais” e o chama de “anjo tutelar do Brasil”.

14/10/1882

Publica a primeira parte do conto “Leonina (Cenas contemporâneas)”, dedicado ao colega Ubaldo Pereira, certamente autobiográfico, pois trata da paixão à primeira vista de Antenor (Amâncio), artista pobre, que se apaixona por Leonina (Leonídia)

e com quem se casa, meses depois. A segunda e última parte do conto sai na edição de 11/11/1882 e trata dos fatos ocorridos na cidade de \*\*\* (Benevente), às margens de um rio caudaloso, em que conhece a amada e o pai. No dia seguinte, no mesmo lugar, é salvo de um ladrão pelo pai de Leonina que se achava ali com a filha para embarcar no vapor para “aqui” (Vitória). No dia 21 de fevereiro de 1880, embarca para o mesmo destino, em busca de sua amada. Encontra-a, manda-lhe um bilhete declarando seu amor e recebe outro, correspondendo-lhe ao sentimento e autorizando-o a ir pedir-lhe a mão ao pai. Eles se casam e o amor de Leonina por Antenor se torna não um “amor de esposa”, mas “um amor de mãe”. Três meses depois de casados, Antenor é demitido “a bem do serviço público do lugar em que ocupava por motivo de política”. Mesmo desempregado, Antenor não desanima, sabendo viver pela força de seu trabalho de artista, “glória esta de sua vida moral, apesar do artista nada valer no Brasil, recebe do público as palmas e da imprensa a exaltação, tendo em compensação não ser conduzido a caprichos políticos, gozando de direito, respeito e independência ao lado daquela que sendo esposa sabe ser mãe”.

*28/10/1882*

Publica o poema romântico “Bordando no Bastidor”, em “O Baluarte”.

*11/11/1882*

Amâncio Pereira escreve uma carta ao amigo Tibúrcio de Oliveira, comunicando sua saída da redação do jornal em virtude de ter de se retirar de Vitória, desligando-se da redação de “O Baluarte”. Tibúrcio responde, lamentando a saída do companheiro, colocando as colunas de “o Baluarte” “francas às produções de sua hábil pena”. No mesmo número, na coluna “Roda-Pé”, sai a última parte de seu conto “Leonina (Cenas contemporâneas)”.

*02/12/1882*

“O Baluarte” comunica que o Professor Amâncio Pinto Pereira foi nomeado Professor da Escola Pública da Povoação de Muqui, em Itapemirim. “Amâncio Pereira frequentou com bastante aproveitamento o curso do método João de Deus aqui ensinado pelo Dr. Jardim, tendo dado boas provas de sua aptidão, foi pelo mesmo

propagandista mencionado em um relatório com expressões que o honram”. A nota continua: “O nosso amigo seguiu no Maria Pia para seu destino. Boa viagem e ótimos resultados em sua nova carreira é o que almejamos-lhe”.

*c.1883*

Provavelmente, nesse ano, casa-se com Leonídia do Nascimento Pereira (186? - 1892), filha de Joaquim José do Nascimento e Maria Pereira do Nascimento, família de Benevente, depois Anchieta. O sogro faleceu logo após seu casamento e a sogra em 1889, em Cachoeiro.

*01/1883*

Pede dois meses de licença e não assume a escola em Muqui. Após a licença, em março, é nomeado para uma escola de Jabaquara, no município de Benevente, Anchieta. Com a extinção dessa escola, vai para Benevente, onde atuou como professor, jornalista e ativista cultural e político até 1888. Aí criou o movimento artístico e patriótico “Urânia”, que promovia saraus e bailes, com manifestações patrióticas e literárias em favor da República e da Abolição. Lá, mantém escola particular com 40 alunos, prática que manteve por toda sua vida.

*02/09/1884*

Nasce sua filha Inistela Leonídia do Nascimento Pereira, a primeira de uma série de onze filhos que terá com as duas esposas.

*1885*

Reúne, sem publicar, seu primeiro livro de poesias, “Miscelâneas”, com poemas típicos do nacionalismo romântico, em sua última fase, e forte influência de Castro Alves, Tobias Barreto e outros. Seus poemas, dedicados a vultos históricos como Castro Alves, Carlos Gomes, Marquês de Herval e a datas como “Sete de Setembro” só podem ser encontrados em jornais que os publicaram, já que esse livro se perdeu.

*31/01/1886*

Nasce seu segundo filho, Nino Amâncio Pereira, que se formará em Farmácia, na Faculdade de Farmácia e Medicina da Bahia

e viverá até 1938. Com ele se inicia o sobrenome Amâncio Pereira que seus descendentes trazem até hoje.

*1888*

Nasce o filho Idálio Amâncio Pereira, morto com um ano.

*1888*

Inicia a encenação de peças de teatro com o drama “Deomar”, em três atos. Até o ano de sua morte, 1918, o teatro vai ocupar grande parte de sua vida, ao lado do magistério.

*1889*

Retorna a Vitória, após viver 6 anos em Benevente, Anchieta. Morre o filho Idálio, em 28/02/1889, em Vitória/ES.

*07/09/1889*

Funda, em Vitória, o “Grêmio Particular Sete de Setembro”, que veio substituir a “Melpômene”, primeira sociedade dramática de Vitória, em que atuou na juventude, responsável pela encenação da maioria de suas peças teatrais. Nesse ano, escreve e encena “Beatriz”, drama com um prólogo e dois atos, oferecido ao Capitão Ayres Loureiro d’Albuquerque Tovar.

*11/01/1890*

Anúncio publicado em “O Estado do Espírito Santo”, Ed. 02122. “D. Maria Pereira do Nascimento. Amancio Pereira, sua mulher e filhos, noticia o falecimento de sua sogra d. Maria Pereira do Nascimento, em Cachoeiro do Itapemirim e convida para missa na igreja matriz no dia 03/01”.

*30/03/1890*

Encena “O Tio Mendes”, comédia de costumes em um ato. Essa peça foi publicada pelas Folhinhas Laemmert, Rio de Janeiro, e é uma das mais conhecidas do autor. Escreve e encena a comédia “Virou-se o feitiço”.

07/09/1890

Comemoração do 1º aniversário do Grêmio 7 de Setembro, com a presença do governador Afonso Claudio e canto do Hino da República acompanhado pela orquestra. Dentre os músicos estava Amâncio Pereira, que tocava rabeca e violino.

1891

O Grêmio 7 de Setembro encena “Por causa de um tostão”, comédia de costumes em 1 ato, escrita por Amâncio Pereira e El-pídio Boa Morte.

06/06/1891

Escreve “Na Lua de Mel”, comédia de costumes em um ato, encenada pelo Grêmio 7 de Setembro em 28/10/1891.

03/09/1892

Anúncio publicado em “Folha Popular”, Ed. 012, de Cacho-iro de Itapemirim: “Amancio Pereira. Professor Normalista. Acei-ta alunos internos mediante a quantia de 135 \$ 000 por trimestre. Mensalmente remete aos srs. Pais ou encarregados um boletim de notas de estudos e comportamento dos alunos. R. José Marceli-no,4. Vitória”.

09/10/1892

Falecimento da primeira esposa, Leonídia do Nascimento Pereira, aos 28 anos, com quem viveu dez anos e com quem teve cinco filhos, dos quais dois sobreviveram, Inistela e Nino.

21/02/1893

Nasce a filha natural Italina Pereira Motta, de um relaciona-mento extraconjugal com Maria Pereira Bastos.

27/05/1893

Casa-se com Joana do Nascimento Pereira, sua cunhada, com 26 anos, irmã da primeira esposa. O casamento foi celebrado em sua casa, na ladeira da várzea, nº12, na presença do Juiz de Di-

reito Dr. José Cardoso da Cunha e pelo escrivão Francisco Pinto de Siqueira. Foram testemunhas o capitão Manoel Ferreira dos Passos Costa José Ferreira e Manoel dos Papos Pereira.

*23/01/1894*

Morre o filho Demósthones Amâncio Pereira.

*1894*

Leciona em escola pública e para turmas particulares em sua casa, na Rua das Flores, depois Rua José Marcelino, 8, casa tombada pelo IPHAN, em 1967, restaurada em 1979 e atual sede local do IPHAN. Antunes Sequeira, em “Esboço histórico dos costumes do povo espírito-santense”, o relaciona entre os 15 professores primários da capital do ES.

*08/10/1894*

Nasce seu filho, Heráclito Amâncio Pereira, que se formará em Ciências Jurídicas, no Rio de Janeiro e será um dos fundadores do curso de Direito, embrião da futura UFES, em 1930.



Prof. Heráclito Amâncio Pereira (1894-1957)

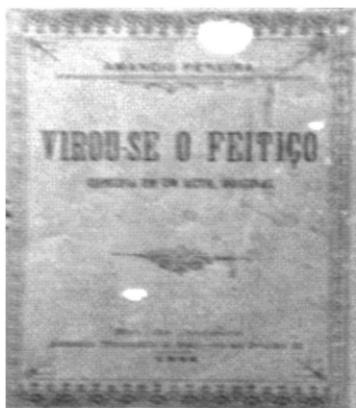
1894

Publica seu livro didático e best-seller “Noções Abreviadas de Geografia e História do Estado do Espírito Santo”, adotado nas escolas da rede pública e particular, que teve cinco edições até 1914 e mais algumas póstumas editadas por seus filhos.



1894

Publicação pela Cia. Tip. Do Brasil, Rio de Janeiro, a comédia em um ato “Virou-se o Feitiço”, considerada sua obra-prima por Oscar Gama, estudioso de sua obra teatral. Encenação da comédia em um ato, “Na Lua de Mel”.



06/06/1895

Ingressa na Loja Maçônica União e Progresso de Vitória, aos 33 anos.

1895

Sai em “O Cachoeirano”, jornal editado por Bernardo Horta, em Cachoeiro de Itapemirim, virulenta crítica intitulada “Observações sobre o opúsculo” ao livro “Noções Abreviadas de Geografia e História do Espírito Santo”, acusando-o de erros e aos responsáveis por sua edição: “O sr. Professor Amancio Pereira que o escreveu, o sr. Dr. Pessanha Pova que o aprovou e o sr. Dr. Muniz Freire que ordenou a derrama das – Noções – pelas escolas de nosso estado”. Apesar dessas críticas, o livro do Prof. Amâncio teve sucessivas edições, mesmo póstumas.

c. 1896

Publica “Folhas Avulsas”, crônicas, ensaios, cartas, escritos em homenagens a datas ou a vultos nacionais, em diferentes épocas. 32p., pela Companhia Tipográfica do Brasil, Biblioteca das Folhinhas Laemmert, Rio de Janeiro. Os nove textos são: “Tiradentes”(22/04/1883); “Instrução Primária” (276/10/1889); “Gonçalves Dias” (8/11/1889; “Castáldas de Bráulio Cordeiro Jr.” (13/04/1889), “Carta dirigida ao Lidador”(20/07/1890); “À Redação do Comércio do Espírito Santo” (19/05/1895); “Despretensiosas concepções sobre os Tímidos Ensaios de Monsenhor Pedrinha”

(19/02/1896), “Marília de Dirceu”, 9/02/1896 e “Ligeiras divagações com o povo e pelo povo”, (12/02/1896)

*c. 1896*

Publica a novela “Jorge ou Perdição de mulher”, pela Companhia Tipográfica do Brasil, Biblioteca das Folhinhas Laemmert, Rio de Janeiro, 48p. Narrativa folhetinesca, romântica e ingênua. A mulher é culpada por se casar por interesse e não por amor.

*c. 1896*

Publica “Folhas Dispersas”, 67p., contos e crônicas, pela Companhia Tipográfica do Brasil, Biblioteca das Folhinhas Laemmert, Rio de Janeiro. Trata-se de nove contos: “Felizes por amor”, “Antes só do que...”, “Mary e Delmar”, “Quadro triste, no lar”, “Confissão e Desenganho”, “Sonhando”, “Diálogo íntimo”, “Felizes”, “Nunca mais” e “X.P.T.O London!”. Contos românticos, moralistas, com algum humor.

*c. 1896*

Publica “Humorismos”, 48p., contos, pela Companhia Tipográfica do Brasil, Biblioteca das Folhinhas Laemmert, Rio de Janeiro. Trata-se de sete contos, humorísticos, a maioria parafraseando provérbios populares: “Beaucoup, Beaucoup”, “Nem tudo que luz”, “Ir buscar lâ”, “Nem todas as verdades se dizem”, “Quem muito escolhe...”, “O pior cego” e “A..q...u...i...qui! Apanhei-te!”. Talvez uma continuação de “Folhas dispersas”.

*03/05/1896*

Inaugurou-se o Teatro Melpômene, todo de madeira, com cerca de mil lugares e iluminação própria. Tornou-se o principal palco de representação teatral em Vitória, com encenação de peças estrangeiras e locais, como as de Amâncio Pereira.

*05/11/1897*

Nasce Aristhóphanes Amâncio Pereira, morto prematuro. Publica “Traços Biográficos” sobre capixabas ilustres e “Homens e Cousas (folhetins)”.

1898

Escreve e encena “No compasso musical”. Nasce sua filha e futura companheira artística, Maria Leonídia Amâncio Pereira.

*Março de 1899*

Nascem suas filhas gêmeas, Maria Nataldiva e Nataldiva Maria, falecidas prematuramente. Publica o “Almanack do Estado do Espírito Santo”, publicação comercial, administrativa, literária, científica, etc, editado por A. Moreira Dantas, Vitória/ES. Na p. 202 desse almanaque, o informe sobre Ensino Primário na Comarca da Capital, diz ser o Prof. Amâncio Pereira, residente na ladeira Prof. Balthasar, 17, o responsável pela 2ª cadeira (masculino) na R. Domingos Martins, 15.

1899

Redator da “Gazeta Literária”. Um dos fundadores do Grêmio Dramático Particular Afonso Magalhães. Membro da Associação Econômica e Auxiliadora do Professorado Primário do Espírito Santo.

1900

Nasce Maria Eleonora Amâncio Pereira, sua décima primeira filha. Publica “Benevente-Cidade de Anchieta” pela Companhia Tipográfica do Brasil, Biblioteca das Folhinhas Laemmert, Rio de Janeiro. 31p. Relato de memórias sobre o período em que viveu naquela cidade, de 1883 a 1888.

*03/05/1900*

Apresenta-se a “Polyanthéa”, uma homenagem ao 4º centenário do Descobrimento do Brasil, produzida em parceria com A. Moreira Dantas, seu editor do “Almanack” de 1899.

*21 a 31/07/1904*

Encenada, no Teatro Melpômene, a comédia “Coió e Engrossa”, a primeira peça teatral de Amâncio Pereira apresentada no maior palco capixaba de todos os tempos.

05/12/1905

“Honra ao Mérito”. Publicação em homenagem ao Emérito Professor Amâncio Pereira pelos 23 anos consagrados ao magistério, “com carinho, zelo e competência à educação da Infância” feita por iniciativa dos alunos examinandos de 1905, dentre os quais: Vicente Costa, Sílvio de Jesus, Martinho Freitas, Odilon Grijó, Antônio Cipreste.

17/09/1907

Falece o Prof. José Joaquim Peçanha Póvoa, autor do Hino do Espírito Santo, Secretário de Instrução por muitos anos, Professor e amigo de Amâncio Pereira.

1908

Ano da educação, segundo Maria Stella de Novaes. Criou-se o Ginásio Espírito-santense e a Escola de Aprendizizes-Marinheiros. O governador Jerônimo Monteiro contratou o Professor Gomes Cardim, de São Paulo, para reformar a educação. Criou-se a Escola Modelo, junto à Escola Normal, com uma das cadeiras entregues ao Prof. Amâncio Pereira. Criou-se o Departamento de Ensino para supervisionar a instrução nas escolas públicas e tornou-se obrigatório o ensino de Português, Educação Cívica, Geografia e História do Brasil.

07/09/1908

Encenada, no Teatro Melpômene, a comédia “Na Lua de Mel”, encenada desde 1891.

08/06/1909

Primeiro Congresso Pedagógico do Espírito Santo, com o objetivo de levar aos professores do interior os novos métodos de ensino a desenvolver. Dentre os conferencistas, estavam os Prof. Sarmet, Nunes, Marieta Calazans, Osmédia Fonseca, Diocleciano de Oliveira e Amâncio Pereira, que palestrou, brilhantemente, sobre “Educação Cívica”, no dia 09/06/1909. Nesse ano, inicia-se a educação ambiental nas escolas com as comemorações ao “Dia da Árvore”.

1909

Foi encenada “O Triunfo”, revista em 2 atos e escrita “Uma Ideia”, peça inacabada.

1910

Encenado “Sentimentos de educação”, vaudeville, em 2 atos.

c. 1912

Encenada “O Embrulho”, comédia em 4 atos.

1912

Amâncio Pinto Pereira é estudado por Afonso Claudio em seu livro “História da Literatura Espírito-santense”, a quem atribui o mérito de haver iniciado no Espírito Santo a “aclimação da novela e do romance e continuado a desenvolver a cultura da arte teatral pelo drama e pela comédia”.

1914

Publicação de “Homens e Cousas Espírito-santenses”, Primeiro Livro, pela Sociedade Ares Gráficas de Vitória. Amâncio Pereira era Sócio-correspondente do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia.

1915

Encenada “Ano Novo”, revista infantil, considerada por Oscar Gama a primeira apresentação de teatro infantil no Brasil.

1916

Encenadas “Antes de bater a sineta”, opereta infantil e “Vitória de Relance”, Revista Infantil em um ato.

12/06/1916

Fundou-se o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, numa sala do Congresso Legislativo, por um grupo de

intelectuais capixabas liderados por Antônio Ataíde, Arquimimo Matos e Carlos Xavier Paes Barreto. Dentre eles, estava o Prof. Amâncio Pereira, que, junto ao Prof. Aristides Freire, seu primeiro mestre e amigo, compôs a comissão para a redação dos Estatutos definitivos.

*10/11/1916*

Solicitou emissão de certidão ao estado, atestando se era professor aposentado, para fins de inscrição como eleitor, pois estava em processo de aposentadoria ainda não confirmada.

*27/12/1916*

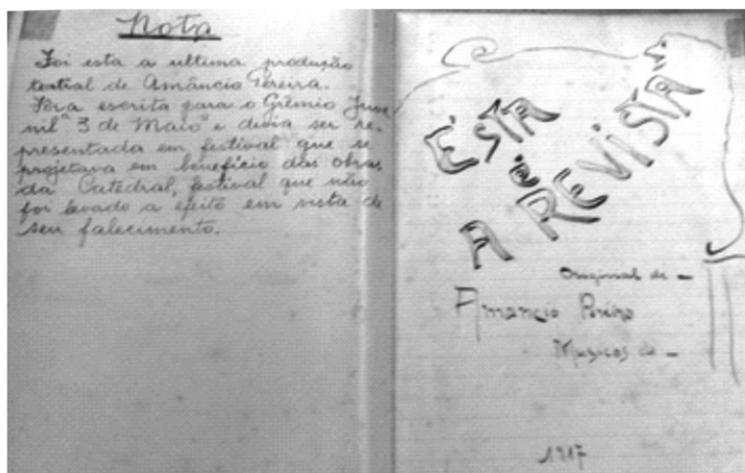
Lei 885 concede-lhe a aposentadoria, após 34 anos de serviços de professor primário efetivo.

*1917*

No primeiro aniversário do IHGES, saiu a Revista nº1, comemorativa a Domingos José Martins, o herói capixaba morto em 1817, na Revolução Pernambucana e Patrono do IHGES. Nela consta o texto “Relíquia Preciosa”, assinado pelo Prof. Amâncio Pereira, o único escrito por ele na Revista do IHGES, visto que falece no ano seguinte.

*1917*

Escrita de “Compasso musical”, comédia em dois atos. Escrita de “Esta é a Revista”, revista infantil com um ato, que deveria ser apresentada pelo Grêmio 3 de Maio em um Festival para arrecadar verbas para a construção da catedral.



1918

Publica o “Almanack do Estado do Espírito Santo”, obra que lhe demandou muita energia e o esgotou fisicamente.

13/08/1918

A cidade de Vitória se enluta com a morte de seu amado mestre, o Prof. Amâncio Pereira, com 56 anos, vítima de síncope cardíaca, às duas horas da manhã, em sua casa, na Rua Sete de Setembro, nº 21, conforme atestado de óbito assinado pelo médico Dr. João Lordelo dos Santos Souza. Foi sepultado no cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, após 1908, localizado no Cemitério de Santo Antônio. Essa irmandade a que pertencia o Prof. Amâncio Pereira tinha cemitério na Igreja S. Gonçalo, na Cidade Alta. Até a primeira década do século XX, as igrejas de Nossa Senhora do Rosário, São Gonçalo e o Convento São Francisco possuíam seus próprios locais de sepultamento, nos terrenos próximos às edificações. Com a inauguração da necrópole, em Santo Antônio, as irmandades de Vitória passaram a ocupar um espaço por lá. Do lado esquerdo da Avenida Serafim Derenzi, localiza-se o Cemitério da Irmandade da Boa Morte e Assunção (Igreja de São Gonçalo) e da Irmandade de São Benedito (Igreja de Nossa Senhora do Rosário).

14/08/1918

Adolfo Fraga diz, no necrológio, publicado no Almanack de 1919 parcialmente organizado por Amâncio Pereira: “Toda a sua existência deu-a à mocidade deste abençoado rincão, como professor. As suas horas de lazer empregou-as em valiosas pesquisas, não só inerentes à nossa História, como às tradições e costumes do nosso povo”. Ao seu enterro compareceu grande número de pessoas e notas sobre sua morte saíram nos jornais “A Tarde”, “Diário da Manhã”, “Diário do Estado da Paraíba” e ofícios de pêsames foram enviados pelo Diretor do Ginásio Espírito-santense, pelo IHG do Sergipe; a Câmara Municipal de Iconha suspendeu sua sessão e as escolas públicas de Vitória, Rio Novo e Iconha suspenderam as aulas.

21/09/1918

P. Elias Tomasi, Diretor do Ginásio Espírito-santense, comunica à família ter sido dado o nome do Professor Amâncio Pinto Pereira a uma das salas do educandário.

04/12/1918

O Deputado Américo Ribeiro Coelho, ex-aluno de Amâncio Pereira faz, no Congresso Legislativo do Estado, esta homenagem ao Prof. Amâncio Pereira: “O incansável iniciador da mocidade nos esplendores da instrução que, por 35 anos, abriu para a pátria e para o mundo tantas inteligências infantis, era um devotado e esmiuçador das nossas cousas passadas, e, durante a sua vida, compendiou, sem cessar, sólidos elementos para o estudo da história do Estado. Tendo que lutar ingentemente com a indiferença e a escassez de recursos, deixou, entretanto, uma relativamente grande bagagem literária, legado que deixou aos seus, a glória do seu nome, patrimônio que deixou aos seus conterrâneos- o brilho das nossas letras. Em um país em que o grau de instrução pública é tão baixo e a produção literária é tão escassa, é sempre salutar exaltar os que lutam e triunfam nas pugnas da inteligência. O ilustre extinto, professor, cujas lições a tantos como eu, encaminharam desde os primeiros bruxuleios de instrução até a conclusão dos estudos primários; jornalista, de cuja profissão se utilizou com todas

as energias de sua alma para as grandiosas cruzadas da abolição e da república; escritor teatral, concorrendo com o seu esforço, para a cultura da arte teatral entre nós; historiógrafo, apontando-nos nas páginas radiantes do nosso passado o futuro que nos aguarda; geógrafo, concorrendo para a divulgação das riquezas do nosso solo e das nossas incomparáveis belezas naturais, Amâncio Pereira, surgindo da obscuridade, tornou-se digno dos sentimentos de respeito e de admiração do povo espírito-santense”. Dito isso, solicita um voto de pesar pelo falecimento do professor Amâncio Pereira, aprovado.

1919

Sai o “Almanack do Estado do Espírito Santo”, Segundo Ano, 1919, parcialmente organizado pelo Prof. Amâncio Pereira, concluído e publicado por seus filhos. Maria Leonídia Pereira e Heráclito Amâncio Pereira. Nele constam oito páginas como “Homenagem Póstuma” ao Prof. Amâncio Pereira e uma página de anúncio de seus livros à venda: “Noções Abreviadas de Geografia e História”, 5ª ed., e “Homens e Cousas Espírito-santenses- Primeiro Livro”, ao preço de 2\$000 (dois mil réis) o exemplar. Também consta a relação de inéditos em diferentes modalidades: “Deomar”, “Noêmia”, “Beatriz”, dramas: “Coio e Engrossa”, comédia-revista; “Uma ideia, Batizado de bonecas”, comédias infantis; “Em falta de comédia”, “Quem muito escolhe” e “Fora do baralho”, comédias; “O Triunfo”, “O Penedo”, revistas; “o Embrulho”, comédia-revista; “Sentimentos de Educação” e “Lícia”, romances e “Educação Cívica”, conferência feita em 09/06/1909. No prelo, estariam “Homens e Cousas Espírito-santenses”, 2º vol., “Datas Espírito-santenses” (em elaboração) e



o “Almanack do Estado do Espírito Santo” de 2019. Consta que só o último foi publicado pelos filhos.

*1921*

Sai a sexta edição, póstuma, do “Noções Abreviadas de Geografia e História do Espírito Santo” organizada pelo filho Heráclito Amâncio Pereira.

*c. 1940*

É dado a uma das ruas do bairro Jucutuquara o nome do Prof. Amâncio Pinto Pereira

*28/01/1949*

Falece em Vitória, Joana Nascimento Pereira, esposa do Prof. Amâncio Pereira, aos 86 anos de idade, de arteriosclerose cerebral, na casa de seu neto, Serynes Pereira Franco, com quem residia na Av. 15 de Novembro, 1581, em Jucutuquara.

*c. 1950*

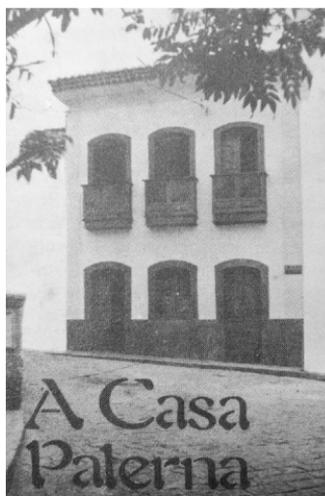
Por sugestão de seu ex-aluno, o Prof. Agenor de Souza Lé, é dado ao Grupo Escolar de São Mateus, o nome do Prof. Amâncio Pinto Pereira.

*1962*

É comemorado o centenário de nascimento do Prof. Amâncio Pinto Pereira, com exposição de sua obra na livraria Âncora, missa, palestra no IHGES e na AEl e artigo publicado em A Gazeta pelo Prof. Guilherme dos Santos Neves.

*1979*

Léa Carvalho Ferreira, em seu livro “A Casa Paterna”, apresenta uma pequena biografia do Prof. Amâncio Pinto Pereira, o mais célebre residente da casa pertencente à família dela.



1982

O Prof. José Augusto Carvalho, em seu “Panorama das Letras Capixabas”, publicado pela Revista de Cultura Ufes, nº 21, apresenta panorama sobre Amâncio Pereira e sua obra, afirmando ser ele o pioneiro da novela no ES.

1987

Oscar Gama Filho publica “Teatro Romântico Capixaba”, em que analisa as obras de Aristides Freire, Amâncio Pereira e Ernesto Guimarães e republica duas de suas peças teatrais: “Virou-se o Feitiço”, de 1894 e “O Tio Mendes”, de 1890.

1988

No IV Festival Capixaba de Teatro Amador, desenvolve-se o Projeto Amâncio Pereira com leitura de textos de dramaturgos capixabas, dentre os quais, “O Tio Mendes” de Amâncio Pereira.

7/10/1994

Centenário de nascimento de Heráclito Amâncio Pereira é comemorado com missa pela família. A Academia Espírito-santense de Letras homenageia, em seus 73 anos de fundação, Amâncio Pinto Pereira e Heráclito Amâncio Pereira, Elpídio Pimentel, Collares Jr. e Aurino Quintaes.

*2018*

Passa ignorado o centenário de morte de Amâncio Pinto Pereira (1862-1918).

*Setembro de 2020*

O Núcleo de Pesquisas de Literatura do Espírito Santo, NEPLES, do Programa de Pós-graduação em Letras da Ufes, por indicação do escritor Wilson Coelho, homenageia o Prof. Amâncio Pinto Pereira em seu “VIII Bravos Companheiros e Fantasmas. Seminário sobre o escritor capixaba”. Devido à pandemia de coronavírus, o evento presencial é cancelado. Feita uma videoconferência com o Prof. Wilson Coelho sobre “O teatro de Amâncio Pereira”. Prometida a organização dos Anais com os textos enviados sob forma eletrônica.

*2020*

A Academia Espírito-santense de Letras, em convênio com a Prefeitura de Vitória, republica “Homens e Cousas Espírito-santenses”, organização de Fernando Achiamé, e “Amâncio Pereira: Vida e Obra”, col. Roberto Almada, pesquisa e estudo crítico do Prof. Francisco Aurelio Ribeiro.



*Amâncio Pinto Pereira*  
08/04/1862 - 13/08/1918

# *Notícia Biográfica*

## **Amâncio Pereira, o Pestalozzi Capixaba**

### RESUMO

Amâncio Pinto Pereira (1862-1918), professor, jornalista, historiador, escritor, foi o mais importante escritor de sua época, tendo escrito poemas, contos, novelas, romances, artigos, almanaques, didáticos, e se consagrou como dramaturgo, por suas comédias, dramas, revistas e operetas, encenados nos teatros de Vitória por mais de trinta anos, de 1890 a 1920. Participou da vida cultural de Vitória em toda a sua existência e formou uma geração de capixabas amantes da história e da cultura do Espírito Santo. No entanto, seu nome e sua obra estão, hoje, desconhecidos pela maioria da população capixaba. De sua vasta obra literária, informativa e didática, só se encontram algumas poucas em nossas bibliotecas, sobretudo as últimas. Nenhuma antologia de poemas contempla sua obra poética, nem mesmo a de prosa. Por sua origem humilde, sem ter escolarização superior e ser descendente de negros, sofreu discriminação social, cultural e racial e, talvez por isso, sua obra, sobretudo a literária, tenha sido menosprezada pelos historiadores da literatura produzida no Espírito Santo, em todos os tempos.

“A vida educa. Mas a vida que educa não é uma questão de palavras, e sim de ação. É atividade.”  
(Johann Heinrich Pestalozzi)



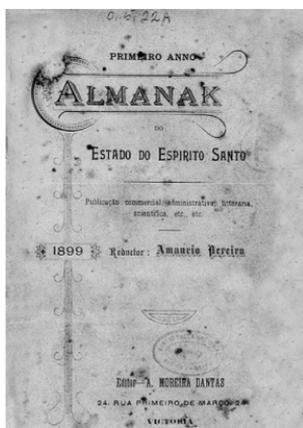
### AMÂNCIO PINTO PEREIRA. 1862-1918

Amâncio Pinto Pereira nasceu em Vitória, ES, em 08 de abril de 1862 e também faleceu em Vitória, em 13 de agosto de 1918. Foi Professor Primário. Ainda estudante, isto é, aos 16 anos de idade, fundou, juntamente com outros colegas, o Clube Saldanha Maranhense, de feição republicana, manifestando-se, desde moço, em favor da abolição da escravatura através da imprensa de sua província. Foi fundador e redator de dois jornais: *Sete de Setembro* e a *Gazeta Literária*, além de haver colaborado nas seguintes folhas: *O Espírito-santense*, *Gazeta da Vitória*, *Gazeta do Itapemirim*, *Pyrilampo*, *Comércio do Espírito Santo*, *Echo da Lavoura*, *Autonomista*, *A Tribuna*, *Jornal Oficial*, *Diário da Manhã*, *Nova Senda*, *Regeneração*, *Meteoro*, *O Semanal*, *O Lidador*, *O Combate*, *Alvorada*, *A Ordem* e na revista humorística *O Olho*, de Luiz de Fraga Santos e Aristóteles da Silva Santos. Publicou, abrangendo desde trabalhos didáticos até peças teatrais, os seguintes livros: *Noções abreviadas de Geografia e História do Espírito Santo*, em cinco edições, a primeira datada de 1894 e adotada, como as demais, pela Diretoria da Instrução Pública do ES; *Almanaque do Espírito Santo*, o primeiro em 1899, o segundo, em 1918 e o terceiro, edição póstuma, em 1919; *Traços biográficos*, 1897; *Folhas avulsas*, 1895; *Folhas dispersas*, 1896; *Humorismos*, contos, 1897, *Benevente, cidade de Anchieta*, c.1900; *Na lua de mel*, comédia, 1895; *O tio Mendes*, comédia, 1897; *O engrossa: Virou-se contra o feiticeiro*, comédia, 1890; *Apuros de um marido*, comédia em um ato; *Jorge ou perdição de mulher*; novela;

*Homens e coisas do Espírito Santo*, em dois volumes, o primeiro datado de 1897 e o segundo em edição póstuma; *Datas espírito-santenses*, em dois volumes, o primeiro publicado em 1909 e o segundo em edição póstuma. Deixou vários trabalhos inéditos (peças teatrais, operetas infantis e um romance). Pertenceu à Société Académique de Histoire Internationale de Paris, ao Instituto Histórico da Bahia, ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, ao Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba e ao Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Segundo Oscar Gama [Filho, em *Teatro romântico capixaba* {1987}], foi o primeiro dramaturgo brasileiro a escrever peças teatrais dedicadas ao público infantil. (Verbete do livro *Patronos & Acadêmicos* da Academia Espírito-santense de Letras).

Lê-se em “História do Espírito Santo”, de Maria Stella de Novaes, referindo-se ao ano de 1918: “A 18 de agosto, faleceu o Prof. Amâncio P. Pereira, educador emérito e devotado cultor da História do Espírito, sempre referido neste trabalho. Raramente, verificou-se préstito fúnebre tão numeroso e comovente, justa homenagem aos predicados do extinto”. Naquele ano, tinha saído a última publicação em vida de Amâncio Pereira, o “Almanack do Espírito Santo”, obra que lhe custou muito trabalho, consumindo-lhe muitas energias. E o incansável professor, que estivera regendo turmas durante 35 anos, desde o longínquo 1882, quando foi nomeado para regente de turma em Muqui, mas só tendo assumido sua primeira cadeira de docente primário em Benevente, a atual Anchieta, em 1883, já estava em campo para conseguir fazer o “Almanack de 1919”. Um almanaque, na época, escrevia-se Almanach, é uma publicação, originalmente anual, que reúne um calendário com datas das principais efemérides astronômicas como os solstícios e as fases lunares; atualmente, os almanaques englobam outras informações com atualizações periódicas específicas a vários campos do conhecimento. A cultura de usar almanaque existia em Portugal desde o século XV e aumentou no século XIX, com o crescimento e a popularização da imprensa. Em 1899, surgiu, em Portugal, o Almanach Bertrand, muito popular lá e cá, sendo publicado até 1969. No Brasil, o “Almanaque do Pensamento” é publicado desde 1912. Meu avô o assinava e o consultava para tudo, a lua certa para plantar e o que plantar em cada lua. Era minha leitura predileta quando o visitava. Um Almanaque tinha público certo e venda garantida. O professor Amâncio Pereira complementava

seu parco salário de professor primário com a venda de suas obras. Sua família era grande, tinha vários filhos pra criar, além de idosos familiares a quem cuidava e não podia se dar o luxo de publicar por vaidade, para deleite próprio ou dos amigos. Ele precisava vender suas obras para sobreviver e criar sua família. Desde 1888, quando publicou sua primeira peça teatral, “Deomar”, drama em três atos com temática política, Amâncio Pereira fez da literatura uma aliada para expressar sua imensa criatividade, sua visão de mundo abolicionista, republicana e crítica da burguesia no poder, e, também, seu ganha-pão.



Pode-se dizer que a obra escrita e publicada do Prof. Amâncio Pereira, de 1888 a 1918, foi um grande “Almanaque do Espírito Santo”, pois ela compreende de tudo um pouco: teatro, romance, biografia, geografia, história, poesia, crônica, moral e civismo, o que o fez o principal escritor de sua época. Afonso Claudio, em *História da Literatura Espírito-santense*, publicado em 1912, assim afirmou sobre Amâncio Pereira, seu contemporâneo de “Ateneu Provincial”: “Como quer que seja, parece-me que é de justiça conferir a Amâncio Pereira o mérito de haver iniciado em sua terra a aclimação do romance e da novela e continuado a desenvolver a cultura da arte teatral pelo drama e pela comédia”. Oscar Gama Filho, estudioso de sua obra teatral, afirma ter sido Amâncio Pereira “o primeiro dramaturgo brasileiro a escrever peças teatrais especificamente dirigidas ao público infantil. O que caracteriza esta especificidade do texto é pura e simplesmente o fato de o próprio

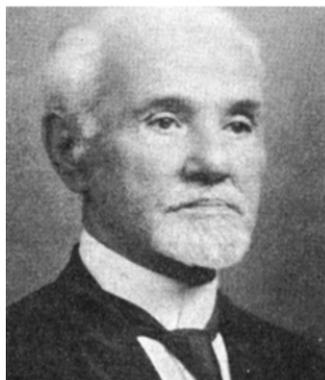
Amâncio ter-se valido da expressão “revista infantil” para classificar as peças *Ano Novo* (escrita e encenada em 1915) e *Vitória de Relance* (escrita e encenada em 1916”. (In: *Teatro Romântico Capixaba*, 1987, p. 157).

Todavia, apesar dessa laboriosa e multifacetada produção literária, a obra do Professor Amâncio Pereira caiu no olvido e, hoje, poucos capixabas, mesmo os acadêmicos, pouco conhecem dessa vasta produção. Seu nome foi dado a uma escola em São Mateus e a uma das ruas do bairro Jucutuquara, em Vitória; em 1962, no centenário de seu nascimento, a Assembleia Legislativa fez sessão solene em sua homenagem e a deputada Judith Leão o chamou de o “Pestalozzi Capixaba”, bem como o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, do qual foi um dos fundadores, também o homenageou. A Academia Espírito-santense de Letras fez exposição de suas obras na Livraria Âncora, com palestra do Prof. Nelson Abel de Almeida. No jornal “A Gazeta”, saiu o artigo “Amâncio Pereira e o nosso folclore”, do Prof. Guilherme Santos Neves.

Na década de 1980, sua obra teatral foi trazida à luz pela pesquisa do psicólogo e estudioso da literatura do Espírito Santo, Oscar Gama Filho, em “Teatro Romântico Capixaba”. Também na década de 1980, em 1988, paralelamente ao IV Festival Capixaba de Teatro Amador, organizado pela Fecata- Federação Capixaba de Teatro Amador- desenvolveu-se o Projeto Amâncio Pereira, de leituras dramáticas de duas obras de Aristides Freire e uma de Amâncio Pereira, *O Tio Mendes*, de 1890. Daí pra frente, não mais se ouviu falar o nome de Amâncio Pereira no ES, lacuna que buscamos preencher, agora, com este livro.

Certamente, o principal mentor intelectual do jovem Amâncio Pereira foi o também professor e dramaturgo Aristides Freire (1850-1922), pois foi com ele que Amâncio Pereira fez o curso primário e, de quem recebeu aulas de Português e Literatura, no Ateneu Provincial, escola de ensino médio criada em 1873 em substituição ao antigo Liceu de Vitória e destinada ao preparatório para o ensino superior, sobretudo as “ciências jurídicas”. Aristides Freire foi o criador do teatro de costumes, em Vitória, sobretudo as comédias e dramas que tanto agradavam à elite capixaba, como a comédia em um ato “Surpresas de um Tio”, encenada em 1876. Seu principal discípulo foi Amâncio Pereira que, dez anos depois, revezaria com ele na criação, produção e encenação de peças teatrais nos palcos da capital capixaba. Também foi a ele dedicado o

seu primeiro poema, escrito aos dezoito anos e publicado em “O Baluarte” em 01/09/1882: “Vozes d’Alma”, aludidos aos trabalhos dramáticos de Aristides Freire.



(Prof. Aristides Freire- 1850-1922)

Todavia, “obscuro por nascimento”, como dele afirmou Afonso Claudio, pois era filho natural de Maria Teresa dos Remédios, provavelmente uma mulher negra, não se sabe se escrava ou liberta, nasceu em Vitória, em 08 de abril de 1862. Não se lhe conhece o pai, e, provavelmente, o nome foi herdado de Antônio Rodrigues Pereira, casado com Francisca Pinto Pereira, sua tia, falecido em 30 de agosto de 1884. Nessa época, Amâncio Pereira era Professor Primário em Anchieta, antiga Benevente, e não conseguiu chegar a tempo para o sepultamento dele. No entanto, cuidou da tia como filho, até a morte dela, em 10 de fevereiro de 1909. Mesmo sem ter um pai reconhecido, o certo é que Amâncio Pereira teve a mesma educação dada à elite capixaba da época, tendo estudado nas melhores escolas e com distintos professores, juntamente com Afonso Claudio, Moniz Freire e tantos outros que mais tarde se destacariam na política capixaba. Sabe-se, também, que ele pretendia seguir a carreira jurídica, mas, para isso, precisava de recursos financeiros para estudar em São Paulo ou Recife, como seus colegas, mas não os tinha. Por causa disso, interrompeu os preparativos à carreira jurídica, no Ateneu Provincial, e cursou o Colégio Normal, criado em 1871 e se formou mestre-escola, como tantos outros oriundos de sua classe social e de origem negra. Também em 1871 criou-se o Colégio Nossa Senhora da Penha, para formar professoras primárias, o que passou a ocorrer a partir de 1878, con-

forme Maria Stella de Novaes em “A mulher na história do Espírito Santo”. Todavia, antes de as mulheres ocuparem a maior parte da educação primária, foram os homens os primeiros professores, a maioria proveniente de classes mais pobres, visto que à elite eram reservados os cursos superiores, inexistentes no Espírito Santo até 1930, quando se criou a Faculdade de Direito, tendo como um dos fundadores um dos filhos do Prof. Amâncio Pereira, Heráclito Amâncio Pereira (1894-1957).

De acordo com Eurípedes Franklin Leal, ao final do Império, contava o Espírito Santo com mais de 100 professores de ensino primário e o presidente da Província Inglês de Souza, nomeado em março de 1882, interessado na reforma da Instrução Pública no ES, convidou de São Paulo o Dr. Antônio da Silva Jardim, professor da Escola Normal de Santos, São Paulo, para divulgar, no Espírito Santo, o método de ensino João de Deus ou “Cartilha Maternal”. Ele chegou a Vitória em 13/06/1882 e ministrou um curso de Pedagogia, com diversas conferências, no Colégio Nossa Senhora da Penha às professorandas e às pessoas interessadas na carreira do magistério. Amâncio Pinto Pereira fez esse curso e se habilita a ser professor primário dentro dos métodos ‘modernos’ que se ensinavam, naquela época. O curso termina em 01/08/1882 com a volta do Prof. Silva Jardim a São Paulo e, ao final de 1882, Amâncio Pereira é nomeado para assumir sua primeira cadeira na Povoação de Muqui, na época pertencente ao município de Itapemirim, no sul do Espírito Santo. Em 1883, começou a lecionar como mestre-escola em Anchieta, onde casou, teve os primeiros filhos e permaneceu de 1883 a 1888. Sua primeira esposa foi Leonídia do Nascimento Pereira, com quem teve dois filhos: Inistella Leonídia do Nascimento Pereira, nascida em 1884, em Anchieta, e Nino Amâncio Pereira, também nascido em Anchieta, em 1885, e que se tornou farmacêutico. Com a morte da primeira esposa, anos depois, casou-se com a cunhada, Joana do Nascimento Pereira, com quem teve os filhos Heráclito Amâncio Pereira, nascido em Vitória, em 1894 e falecido em 1957, e as filhas Maria Leonídia Pereira e Maria Eleonora Pereira, dentre outros falecidos ainda crianças.

O Curso Normal para Formação de Professores Primários foi regulamentado após a proclamação da República. Ainda citando Leal, “Com o advento da República pouco ou quase nada se alterou na educação do Espírito Santo. Inicialmente, apenas o primeiro presidente do Estado, Afonso Cláudio, procedeu, em 1890, a uma

reorganização da Instrução Pública. Regulamentou ele o tempo para acesso, a preferência dos professores com comprovação de habilitação, melhores salários, distribuição de livros e declarou vagas as cadeiras primárias interinas, que passaram a ser preenchidas após o professor atender a algumas exigências legais. Já no governo Muniz Freire, em 1892, alterou-se o ensino secundário, com a substituição do Ateneu Provincial e do Colégio Nossa Senhora da Penha pelas Escolas Normais, com cursos masculino e feminino. O curso masculino preparava o aluno para ingressar em curso superior e tinha a duração de cinco anos. O curso feminino, com quatro anos, formava apenas professoras. Foi Henrique Alves de Cerqueira Lima o primeiro a dirigir as “Escolas Normais”. (Id.ibid.) Amâncio Pereira inicia a docência como professor normalista anterior a essa reforma, lecionava em sua própria residência e viveu no interior de 1882 a 1888. Certamente, com o advento da República, em 1889, e a nomeação de Afonso Claudio, seu colega no Ateneu Provincial e companheiro de campanha abolicionista e republicana, como primeiro governador republicano do Espírito Santo, ele pôde se transferir para a capital, Vitória, e mais tarde, em 1908, tornar-se-ia um dos docentes das escolas-modelo criadas anexas à Escola Normal.

Amâncio Pereira foi um abolicionista e um republicano de primeira hora. Maria Stella de Novaes conta que, em 23 de junho de 1879, foi organizado pelos estudantes do Ateneu Provincial, o Clube Saldanha Marinho, cujo programa estampava uma poesia do jornalista Peçanha Póvoa, um dos mestres daquele educandário, dedicado à República : [...] “Salve! República esperada! / Tu és o horror do verdugo, / Vem vingar o Tiradentes, / Ouvindo os versos de Hugo!...” Ainda segundo Novaes, “O Clube era uma sociedade literária que se tornaria a célula-mater dos abolicionistas de escol, jornalistas e eruditos, e fortes. Eram os abolicionistas, na maioria, republicanos; mas absorvidos pela grandiosa causa dos escravos, davam à propaganda republicana o que podiam”. E continua: “Na noite de 23 de junho referido, os sócios do Saldanha Marinho organizaram uma grandiosa manifestação ao Inspetor Geral da Instrução Pública, puxada a Banda de Música e um “discurso inflamado” do estudante Lídio Mululo. E Vivas!... Falaram ainda os estudantes Chapot Pré-vost, Amâncio Pereira, Cândido Santana, Antônio Ataíde e outros”. Por último, descreve: “Saíram os estudantes, precedidos da Banda de Música, a fim de distribuir a poesia ao povo; mas, ao chegarem ao Cais do Imperador, a polícia barrou-lhes a passeata. Voltaram à sede

do Clube, localizado onde se construiu, no século XX, o edifício do Banco do Brasil. Em resposta ao telegrama passado a Saldanha Maranhão, receberam a resposta de que “Nossa Legenda”, era “um hino de glória, que se imortalizaria pela coragem e civismo dos moços”. (In: *História do Espírito Santo*. s/d. p.275-6). (Joaquim Saldanha Maranhão (1816-1895) foi jornalista, sociólogo, político e um dos líderes republicanos. Foi signatário do Manifesto Republicano de 1870. Com a proclamação da República, foi um dos autores do anteprojeto da Constituição da República de 1891 e senador da República pelo Distrito Federal de 1890 até a sua morte. Informações da Wikipédia).

Certamente, o jovem abolicionista e republicano Amâncio Pereira deve ter tido dificuldade para trabalhar, ainda no período monarquista, mas sabe-se que foi colaborador no Tesouro Provincial, antes de se formar, e que, “Aos vinte anos, manifestava-se abertamente a favor da Abolição da Escravatura pelo jornal *O Baluarte*, fundado em 1882 pelo ilustre Tibúrcio de Oliveira”, conforme Lea Carvalho Ferreira. (In: *A Casa Paterna*, 1979. P.59-60). Além desse jornal, Amâncio Pereira fundou e dirigiu “O Sete de Setembro” e a “Gazeta Literária”, e colaborou nos principais jornais capixabas: “Espírito-santense”, “Gazeta de Vitória”, “Pirilampo”, “Comércio do Espírito Santo”, “Eco da Lavoura”, “Autonomista”, “A Tribuna”, “Jornal Oficial”, “Diário da Manhã” e na revista humorística “O Olho”, criada por Luiz da Fraga Santos e Aristóteles da Silva Santos” (In: *Almanack do Estado do Espírito Santo*. 1919. p. III). Suas primeiras publicações foram em jornais e trata-se de poemas românticos, artigos abolicionistas, crônicas e críticas de teatro e primeiros contos como “Leonina”, publicado em “O Baluarte”, em 1882 e, provavelmente, autobiográfico. Também na década de 1880, ainda em Benevente, inicia-se na produção dramaturgica, inicialmente com comédias e dramas, processo que vai durar toda a sua existência.



(Bico de pena de Amâncio Pereira publicado no *Almanak* de 1889)

Afonso Claudio afirma que seus primeiros escritos apareceram nos jornais em que colaborava, principalmente em *O Espírito-santense* e nos periódicos que veio a dirigir, o *Sete de Setembro* e *O Baluarte*. A respeito de seu início de carreira no magistério, afirmou: “Depois de haver feito a peregrinação a que está sujeito o professorado em nosso país, por efeito de remoções nem sempre justificáveis quando não provêm diretamente de mal entendidos caprichos partidários, passou a exercer o magistério em Vitória, onde fundou aqueles dois últimos órgãos e publicou os seguintes trabalhos: *Folhas Avulsas, Beatriz ou A Cruz do Juramento, Jorge ou Perdição de Mulher* (Novelas). *Folhas Dispersas, Humorismos e Homens e Coisas* (Contos). Na *Lua de Mel, O Tio Mendes, Virou-se o feitiço* e o *Compasso Musical* (Comédias). Conforme, ainda, Afonso Claudio, “Em 1894 publicou as *Noções Abreviadas de Geografia e História do Estado do Espírito Santo*, livro que está na quarta edição e foi adotado pela Diretoria de Instrução Pública local. Em 1897, os *Traços Biográficos* (1ª série). Além dos escritos apontados, é autor dos seguintes, que se conservam inéditos: *Lícia, Sentimentos de educação* (Romances), *Noemia, Beatriz e Deomar* (Dramas), *Quem muito escolhe...*, *O Penedo, O Engrossa, Coió e Engrossa* (Comédias e revistas), *Traços Biográficos* (2ª série). (Op. cit. p. 381-2).

Apesar da imprecisão de alguns títulos ou gêneros, Afonso Claudio cita duas dezenas de obras publicadas ou a publicar do Prof. Amâncio Pereira, o que o tornava o maior escritor à época em que publicou sua *História da Literatura Espírito-santense*, em 1912. Todavia, é impiedoso o julgamento do principal historiador da literatura espírito-santense, ao dizer: “Vivendo em um meio refratário à cultura do espírito, é um estudioso modesto cujos trabalhos excitam simpatia, já porque são produtos de uma inteligência não disciplinada por superior preparo, já pelo louvável intuito que os recomenda: - não deixar em olvido os homens e coisas assinaláveis da região espírito-santense. A essas circunstâncias ponderosas, acrescente-se a de tratar-se de um homem paupérrimo, onerado de família, sem encontrar emprego à atividade que lhe resta das folgas do seu sacerdócio e compreender-se-á a benevolência com que devem ser julgadas as suas produções”. (Op.cit. p. 379).

Afonso Claudio, o líder abolicionista e republicano capixaba, foi governador e desembargador. Homem da elite, herdeiro de fazendas de escravos, foi colega de Amâncio Pereira no Ateneu Provincial. Sabia de sua cultura e inteligência, mas pede “benevolência” ao julgamento da produção de Amâncio Pereira, por ser ele “paupérrimo”, viver em

“um meio refratário à cultura do espírito” e ter uma “inteligência não disciplinada por superior preparo”. Com isso, demonstra o mesmo preconceito e arrogância intelectual que teve Sílvio Romero, seu professor na Faculdade de Direito do Recife, ao julgar a obra de Machado de Assis, em 1896. Amâncio Pereira tem tanta importância para a cultura capixaba quanto o sempre incensado Afonso Claudio, se não for maior, pela diversidade e qualidade de sua obra. Não tivesse ele a origem pobre, ser descendente de negro e de ter sobrevivido como professor e artista, Amâncio Pereira seria, hoje, muito mais lembrado pelos capixabas e sua obra não teria caído no esquecimento como está.

Sobre a produção literária do Professor Amâncio Pereira, sabe-se que é vasta e multifacetada. Embora tenha iniciado a carreira literária na poesia, no teatro e na prosa, foi a publicação das *Noções Abreviadas de Geografia e História do Espírito Santo*, a partir de 1894, dos *Traços Biográficos*, 1897, e do *Almanak do Estado Espírito Santo*, em 1899, que lhe trouxeram alguma renda, conforme anúncio publicado no *Almanak* de 1899. Seus livros eram vendidos a 2 mil réis o exemplar. Sabe-se que o salário do professor primário, formado, na época, equivalia a 3.300 réis mensais. Por aí se pode avaliar o quanto eram caros os livros e baixos os salários do magistério, situação que ainda perdura. Elpídio Pimentel (1894-1971), em Prefácio a “Quando o Penedo falava”, em 1927, cita o pioneirismo de Amâncio Pereira na produção de livros didáticos capixabas como uma exceção: “No Espírito Santo é evidente a carência de manuais didáticos para a mocidade estudiosa. O exemplo modesto, mas pertinaz, de Amâncio Pereira não frutificou. Da cartilha alfabética aos livros do curso secundário, tudo nos vem de fora... De São Paulo, Minas e Rio de Janeiro. E quase sempre, essa importação é indesejável... Entendo que, antes do conhecimento integral da História do Brasil, a infância espírito-santense tem necessidade de conhecer os feitos de seus heróis conterrâneos e os acontecimentos tradicionais do seu torrão natal” (PIMENTEL, 1927, p. 6).



A partir da década de 1890, com a vinda definitiva para Vitória, o Prof. Amâncio Pereira pôde participar ativamente da vida cultural da cidade, dando suas aulas em suas residências, na ladeira Prof. Balthasar e, mais tarde, na rua José Marcelino, todas no centro histórico de Vitória, bem próximas ao teatro Melpômene, inaugurado em 1896. Artista, tocava piano e rabeca, promovia saraus e sua casa era o ponto de convergência da intelectualidade e dos artistas da época, sobretudo a mocidade de quem era muito querido. Amante do teatro, da música e da literatura, escrevia peças de teatro, ensaiava-as e dirigia os espetáculos. Numa época em que não havia outra forma de lazer, antes do cinema e da televisão, era o teatro a principal atração da sociedade e o Professor Amâncio Pereira foi, na passagem do século XIX para o XX, o principal criador e produtor de espetáculos em Vitória, apresentados no Grêmio “Sete de Setembro” conforme relato de Areobaldo Léllis Horta: “Fui, pela primeira vez, assistir às representações do “Sete de Setembro”, quando os seus espetáculos se realizavam no salão da “Fênix”, à rua do Rosário. Levavam, naquela noite, a “Lua de Mel”, original de Amâncio Pereira, comédia de costumes, apanhando fatos da vida real, em uma sequência de quadros críticos e, ao mesmo tempo, cômicos, em cujo fundo psicológico se surpreendiam bons ensinamentos de ordem teatral e social. [...] Nas representações, os papéis femininos cabiam aos rapazes, travestidos. Na primeira noite, o espetáculo era dado aos associados, que remetiam para a plateia as cadeiras que deviam ocupar. Amâncio Pereira e Aristides Freire foram dois inconfundíveis animadores da nossa arte teatral, tanto pelo que produziam no gênero, como pelo entusiasmo que sabiam acender na alma daquela juventude, tocada de bons propósitos”. (In: *A Vitória do meu tempo*. 2007. p. 92-3).

O século XX se inicia e, no governo Jerônimo Monteiro (1908-1912), a cidade se transforma, com o projeto desenvolvimentista do governador cachoeirense. A carreira do Professor Amâncio Pereira se consolida com sua nomeação para regente de escola masculina na “Escola Modelo”, anexa à Escola Normal, criada em 1908. Em 1905, tinha sido homenageado por seus alunos, ao completar 23 anos de magistério, mas só se aposentaria em 1917, aos 35 anos de magistério, por insistência dos filhos. Seus livros de “Geografia e História” e “Homens e Cousas do Espírito Santo” tinham grande aceitação, mas era o teatro sua maior alegria e onde punha sua maior inspiração. Ao final da vida, resolveu se dedicar ao trabalho hercúleo de organizar o “Almanack do Espírito Santo”, retomando experiência bem sucedida de

1899. Conseguiu organizar o do primeiro ano, mas deixou inconcluso o do segundo, com a sua morte, de colapso cardíaco, em 13 de agosto de 1918. Toda a cidade parou para reverenciar um de seus mais ilustres cidadãos, o professor, escritor, jornalista, artista, historiador, geógrafo e folclorista capixaba. Viveu 56 anos e deixou uma dezena de obras publicadas, em diferentes áreas do conhecimento, e outra dezena de inéditos, a maioria perdida no esquecimento da pobre memória humana, sobretudo a de pessoas humildes como era o Prof. Amâncio Pereira, o “Pestalozzi Capixaba”. (J.H. Pestalozzi foi um educador suíço, 1746-1827, criado pela mãe, sem o pai, na maior pobreza. Conheceu de perto o preconceito social e teve de lutar muito para ser reconhecido numa sociedade dividida entre ricos e pobres, nobres e plebeus. Após a leitura de “Emílio”, de Rousseau, tornou-se um revolucionário, influenciado pelo movimento naturalista. Fez de sua casa, na fazenda que cultivava com a mulher, a sua escola, onde formou uma geração de seguidores. Sua obra-prima foi o conto moralista “Leonardo e Gertrudes”, publicado em 1781, que o imortalizou. Em 1801, expõe a sua didática pedagógica, o “Método Pestalozzi”, a partir do mais fácil e simples para o mais difícil e complexo e, a partir daí, medindo, pintando, escrevendo e contando. Pestalozzi foi um dos pioneiros da pedagogia moderna, influenciando profundamente todas as correntes educacionais, e longe está de deixar de ser uma referência. Fundou escolas, cativava a todos para a causa de uma educação capaz de atingir o povo, num tempo em que o ensino era privilégio exclusivo. Informações da Wikipédia).

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS. **PATRONOS & ACADEMICOS**. 4ed. Serra: Formar. 2014. Apoio da Prefeitura Municipal da Serra (Lei Chico Prego).

**Almanak do Estado do Espírito Santo**. Primeiro Ano. Red. Amâncio Pereira. 1899. Editor A. Moreira Dantas. Vitória-ES.

**Almanak do Estado do Espírito Santo**. Primeiro Ano. Red. Amâncio Pereira. 1918. Vitória-ES

**Almanak do Estado do Espírito Santo**. Segundo Ano. 1919. Red. Maria Leonídia Pereira e Heráclito Amâncio Pereira. Vitória-ES.

CARVALHO, José Augusto. “Panorama das Letras Capixabas”. **Revista de**

**Cultura-Ufes.** Ano VII. N.21.1982.

CLAUDIO, Afonso. **História da Literatura Espírito-santense.** 2ed. Rio de Janeiro: Xerox. 1981.

DANTAS, Colette. Org. **Revivendo o Melpômene.** Cinco atos da memória de um teatro de madeira. Vitória: Diálogo, Comunicação e Marketing. 2017.

ELTON, Elmo. **Logradouros antigos de Vitória.** Vitória: Edufes/PMV. 1999.

FERREIRA, Lea Carvalho. **A Casa Paterna,** Vitória. s/Ed.1979.

GAMA Fº. Oscar. **Teatro Romântico Capixaba.** DEC/INACEN. Vitória-Rio de Janeiro. 1987

\_\_\_\_\_. **História do teatro Capixaba: 395 anos.** FCAA/FCES. Vitória. 1981.

HORTA, Areobaldo Lellis. **A Vitória do meu tempo.** Vitória. AEL/PMV. 2007

LEAL, João Eurípedes F. **História da Educação no Espírito Santo.** In: <http://www.estacaocapixaba.com.br/2016/01/historia-da-educacao-no-espírito-santo.htm>.

NEVES, Guilherme S. “Amâncio Pereira e o Nosso Folclore”. Coletânea de Estudos e Registros do Folclore Capixaba. 1944-1982. Vol. 2. Vitória: Centro Cultural de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo.2008. Org. Reinaldo Santos Neves.

NOVAES, Maria Stella de. **História do Espírito Santo.** s/d. Vitória. FCES.

\_\_\_\_\_. **A Mulher na História do Espírito Santo** (História e Folclore). Vitória: Edufes/IHGES/PMV. 1999.

PEREIRA, Amâncio P. **Homens e Cousas Espírito-santenses.** Vitória: Artes Gráficas. 1914.

**REVISTA DO IHGES.** Ano I. N.1. 1917. Edição história comemorativa. 1917.

## O Humor nos contos de Amâncio Pereira

### RESUMO

Amâncio Pinto Pereira (1862-1918), professor, jornalista, historiador, escritor, foi o mais importante escritor de sua época, tendo escrito poemas, contos, novelas, romances, artigos, almanaques, didáticos, que se consagrou como dramaturgo, por suas comédias, dramas, revistas e operetas, encenados nos teatros de Vitória por mais de trinta anos, de 1890 a 1920. Sua obra literária, no entanto, ficou bastante esquecida, e nenhuma antologia a contempla. Neste artigo, analisamos sete contos publicados em “Humorismos” e dois em “Folhas Avulsas”, provavelmente no único exemplar ainda existente, concernente à questão do humor e da ironia, numa perspectiva de Bakhtin, Bergson, Jolles e outros.

Palavras-chave: Narrativa humorística brasileira – Amâncio Pinto Pereira (1862-1918). Amâncio Pinto Pereira – Contos. Amâncio Pinto Pereira – *Humorismos*. Amâncio Pinto Pereira – *Folhas avulsas*.

É muito pequena a crítica literária à obra de Amâncio Pereira. Afonso Claudio, seu contemporâneo, em seu clássico *História da Literatura Espírito-santense*, 1912, afirma só ter lido duas de suas mais de vinte produções, o didático *Noções de Geografia* e a 1ª série do informativo *Traços biográficos* e justifica seu desconhecimento afirmando:

Seus dramas, comédias e revistas, embora não impressos, tiveram indubitável êxito quando encenados na Vitória; seus romances, contos e novelas, foram impressos nos folhetins da imprensa local e contudo, a falta de tiragem em livros, desses trabalhos, é tão sensível que não me julgo habilitado a dizer qual deles é o resumo abreviado das qualidades do escritor ou do preceptor.

Inclui no seu relato a justificativa de Amâncio Pereira pela não publicação de sua obra em livros: “Deixei de continuar a publicação

(do *Almanack do Estado* e do *Traços biográficos*), por falta de recursos monetários, tão cara é entre nós a impressão para quem tiver de a fazer à sua custa exclusivamente)". A partir daí, Afonso Claudio tece uma série de considerações sobre a pobreza em nosso meio, citando um "egregio" autor do livro *Elements of Social Science*, que não nomeia: "A pobreza é o mais terrível de todos os males que afligem a humanidade". Conclui seu artigo, dizendo:

Como quer que seja, parece-me que é de justiça conferir a Amâncio Pereira o mérito de haver iniciado em sua terra a aclimação do romance e da novela e continuado a desenvolver a cultura da arte teatral pelo drama e pela comédia.

Para ter afirmado isso, deve ter tido conhecimento dos manuscritos de Amâncio Pereira ou de seus textos publicados na imprensa, pelo menos.

Somente em 1982, mais de sessenta anos após a morte prematura de Amâncio Pereira, o Prof. José Augusto Carvalho, em seu "Panorama das Letras Capixabas", "Cap. II- A Segunda Fase- Período de Expansão Consciente (1876-1912)", inclui em seu verbete sobre Amâncio Pinto Pereira (1862-1918): "autodidata e professor primário, foi não apenas o continuador do teatro, mas também o pioneira da novela". José Augusto Carvalho resenha a novela *Jorge ou Perdição de mulher*, de 1896, 48 p., considerando-a "um trabalho romântico e ingênuo", "de interesse moral ou didático", e que "seu autor, certamente, não terá tido outra intenção ao publicá-la". Carvalho também resenha *Folhas dispersas*, 67 p., de 1896, uma coletânea de dez contos "todos girando em torno de amores de casais legítimos, apaixonados, fiéis, pobres e de intocável postura moral". Após sintetizar o enredo dos dez contos, Carvalho afirma:

As histórias, sempre ingênuas, desenvolvem-se de maneira linear, com a preocupação permanente de transmitir exemplos de conteúdo moral edificante. Infelizmente, a presença permanente do autor, guiando, exortando, censurando ou comentando seus personagens, atenua (se não elimina) o interesse do leitor" (CARVALHO, 1982, p. 85-7).

Tenho outra visão a respeito desses contos e de outros não citados por Carvalho, publicados em *Humorismos*, na mesma época do *Folhas dispersas*, e desenvolverei minha análise mais à frente.

Oscar Gama Filho publicou, em 1987, *Teatro romântico capixaba*, em que analisa a obra dramatúrgica de Amâncio Pereira, reconhecendo nela duas fases: “uma dominada pelas comédias de costumes e pelos dramalhões e outra dominada pelas peças dedicadas ao público infantil” (1987, p. 154). Oscar Gama cita Amâncio Pereira como o pioneiro brasileiro na produção de peças de teatro destinadas ao público infantil, com as suas revistas infantis, *Ano Novo*, de 1915, e *Vitória de relance*, de 1916. Revista e vaudeville são comédias entremeadas de canções que vieram a substituir, pela gargalhada, pela exaltação dos sentidos, pelo apelo aos olhos e aos ouvidos, a pinguice e as lágrimas dos clássicos ou românticos, segundo Hauser e Prado citados por Oscar Gama (p.156).

No “Necrológio de Amâncio Pereira”, publicado no *Almanak* de 1919, seus filhos Maria Leonídia Pereira e Heráclito Amâncio Pereira escreveram sobre o pai:

Nesta redação, visitada amiúde por Amâncio Pereira, até à véspera de sua morte, ele jamais sustentou uma palestra que não fosse sobre as cousas de nosso Estado e, malgrado os anos que já lhe pesavam sobre os ombros, tinha ainda sonhos de jovem e falava de suas desventuras com a convicção máscula de vencê-las. Ultimamente estava Amâncio Pereira preocupado com a organização do Almanak deste Estado, para o ano de 1919, e andava, rua acima, rua abaixo, a pedir, a implorar mesmo de nossos intelectuais a colaboração, a dizer com entusiasmo, com orgulho: -“Quero fazer uma página literária com a prata da casa, para que se saiba que aqui se estuda, que aqui se ama as belas letras”. Dito isso, soltava aquela risada gutural muito dele, que nos fazia rir e lá se ia, pensando no pão de amanhã, mordendo seu cigarro de palha, apagado sempre, quase (ALMANAK, 1919, p. II).

Amâncio Pereira escreveu, publicou e encenou mais de uma dezena de comédias, fazendo rir a seu público composto de pessoas de todas as classes sociais e de todas as idades, cumprindo à risca o princípio latino que fundamenta as comédias, “ridendo castigat mores”, é rindo que se corrigem os costumes. Inicialmente, na Antiguidade clás-

sica, o humor era explicado pela fisiologia e era tido como um “líquido secretado pelo corpo determinante das condições físicas e mentais do indivíduo e era de quatro tipos: sangue, bile amarela, fleuma ou pituita e bile negra ou atrabilis” (HOUAISS; VILLAR, 2001. p. 1555). Com o tempo, a palavra humor passou a se referir à comicidade em geral, à jocosidade, à expressão irônica e engenhosamente elaborada da realidade e à faculdade de perceber ou expressar tal comicidade.

O humor na literatura sempre existiu, desde as comédias de Aristófanes, na Grécia, Plauto, em Roma, Gil Vicente, em Portugal, e Martins Pena, no Brasil. Aristóteles, na *Poética*, afirmou que a comédia mostra os homens piores do que são, ao contrário da tragédia, que os mostra melhores. Aristóteles afirma, também, que os comediantes derivam seu nome da palavra *kómas*, por andarem de aldeia em aldeia e por não serem tolerados nas cidades. Isso mostra o caráter popular e crítico das comédias, desde a sua origem, na Antiguidade clássica, o que, de certa forma, ainda permanece (ARISTÓTELES, 1992, p. 25).

O essencial ao autor de comédias é fazer rir o espectador, provocando-lhe, às vezes, a gargalhada, e, quase sempre, reconhecendo-se nas peripécias do personagem. Nesse aspecto, a comédia também tem um efeito catártico e de liberação do que nos oprime. Em Literatura e, sobretudo, no caso dos contos, o “cômico” equivale a uma forma simples, identificável com o chiste, que se realiza como sátira ou ironia, conforme André Jolles em “O chiste” (1976). Para ele, “A sátira é uma zombaria dirigida ao objeto que se repreende ou se reprova e que nos é estranho”, ao passo que “A ironia troça do que repreende, mas sem opor-se-lhe, manifestando antes simpatia, compreensão e espírito de participação” (JOLLES, 1976, p. 211).

O humor nos contos de Amâncio Pereira se identifica com a ironia e não com a sátira, pois Jolles reconhece, na ironia, “um pouco da intimidade e da familiaridade entre o superior e o inferior. É justamente nessa solidariedade que reside o imenso valor pedagógico da ironia, pois a sátira destrói, a ironia ensina” (JOLLES, 1976, p. 211). Para ele, ainda,

Como, entretanto, tem-se consciência de conhecer o objeto de que se zomba e de ser-se, em parte, formado por ele, é possível, na ironia, ligar ao cômico todos os matizes que vão da melancolia ao sofrimento e à dor. O azedume da sátira visa o seu objeto; o azedume da ironia resume-se em encontrar em nós o que censuramos em outrem (JOLLES, 1976, p. 211).

*Humorismos*, coletânea de contos de Amâncio Pereira, provavelmente foi publicada em 1896, pela Companhia Tipográfica do Brasil, Biblioteca das Folhinhas Laemmert, Rio de Janeiro; tem 48 páginas e formato *minipocket*, 7x10cm. Trata-se de um conjunto de sete contos curtos, a maioria parafraseando provérbios populares: “Beaucoup, beaucoup”, “Nem tudo que luz”, “Ir buscar lâ”, “Nem todas as verdades se dizem”, “Quem muito escolhe...”, “O pior cego” e “A..q...u...i...qui! Apanhei-te!”. À leitura e comentário deles, vou acrescentar a dos “Antes só do que..” e o “X.P.T.O. London!”, de *Folhas dispersas*, já que possuem estrutura, forma e conteúdo semelhantes e foram publicados na mesma época, meados da década de 1890 .

Em todos os nove contos, é explicitada a relação de cumplicidade entre o narrador, o personagem que conta a história e o narratário, o ouvinte do relato ou leitor virtual do conto, com mais ou menos ocorrência. Não se deve confundir o autor, Amâncio Pereira, pessoa física, com o narrador dos contos, personagem ficcional. Esse recurso literário, consagrado entre nós por Machado de Assis, é o principal recurso estilístico utilizado pelo autor para estabelecer uma cumplicidade com o leitor e acender o efeito de sentido de ironia sobre os fatos que narra. Em “Beaucoup, beaucoup”, o primeiro conto, isso aparece logo no primeiro parágrafo: “Não é preciso que o leitor se desmanche em riso, para que não se despreguem os botões das calças. O que vamos descrever não tem o cunho da veracidade. É apenas para matar o tempo” (PEREIRA, 1896, p. 3). Esse introito metalinguístico é machadiano e prepara o leitor/ouvinte para os fatos que se seguem. Não custa lembrar que a publicação de *Humorismos* é da mesma data de *Várias histórias*, de Machado de Assis, 1896, e na mesma editora, Laemmert, do Rio de Janeiro, embora a edição de Amâncio Pereira seja em seu formato pobre, de folhinha e uma tiragem muito reduzida. Machado já era um escritor consagrado nacionalmente; Pereira, um escritor pobre de uma província menor. No entanto, há muitos pontos em comum entre eles, sobretudo o fato de terem origem pobre, serem mulatos e não terem tido formação superior, o que provocou preconceito na sociedade racista e classista de sua época. Apesar disso, foram vencedores. Não é arriscado inferir que Amâncio Pereira tenha sido leitor de Machado, já que os contos machadianos já eram publicados em jornais desde a década de 1880. Embora o tipo de humor entre os dois seja diferente, o de Machado é mais contido e o de Pereira mais solto, há semelhança entre eles, sobretudo no

estabelecimento do diálogo entre narrador/leitor consagrado pelo mestre carioca.

Em “Beaucoup, beaucoup”, o narrador apresenta a personagem central da narrativa, a Exm<sup>a</sup> D. Etc, moça de seus vinte anos, que se achava bela, culta, boa dançarina, boa cantora, “um verdadeiro depósito de qualidades boas, quando não passava de um bazar de quinquilharias...” (PEREIRA, 1896, p. 3). Esse narrador homodiegético, na primeira pessoa do plural, introduz outro personagem, um espertalhão, que vivenciara o que vai narrar e o contou ao primeiro narrador o que esse não sabia sobre a distinta dama. Portanto, há um duplo de narradores e um duplo de ouvintes, criando-se um dialogismo como o estudado por Bakhtin no romance de Dostoiévski. Esse diálogo de vozes duplas cria o efeito irônico e a intersubjetividade do relato.

Assim conta(m) esse(s) narrador(es): Tudo se passa em um baile, onde o narrador-personagem conversou e dançou com a Exm<sup>a</sup>. Ao convidá-la para uma quadrilha, ela aceitou, dizendo: “- Pois não, *beaucoup, beaucoup*”. Estranhou o uso inadequado da palavra francesa, mas nada disse e foram dançar. Devido ao grande número de pares que dançavam, pisou-lhe o pé, pediu-lhe desculpa e ela respondeu: “- Não há dúvida, *beaucoup*. Esteja a gosto”. O narrador interrompe a narrativa para se dirigir ao leitor: “Não ria-se o leitor; - a gosto, a vontade, numa sala de baile e dançando-se!...”. E continua seu diálogo com o leitor: “A gosto, creia o leitor, fomos nós deixá-la, apenas terminada a quinta das contradanças, em uma cadeira, pois era uma verdadeira cansa-cavalheiro, pelo corpo pesado que mostrava ter quando fazíamos o balancê. Agradecemos-lhe, e ela nos respondeu: - Não tem de que *beaucoup*”. Deixou-a e se dirigiu à janela onde encontrou o “cujo das informações”. Contou-lhe o ocorrido, “a tal cousa *beaucoup*”, “ele riu-se a ficar vermelho que nem um camarão” e lhe contou que ela aprendeu esse termo em uma palestra, gravou-a na memória e a usava em tudo que dizia. O baile prossegue, o cavalheiro-narrador convida a tal dama para um passeio na sala, elogia-lhe a beleza, só para se divertir com os seus “*beaucoup, beaucoup*”. Para incentivá-la, começa a usar a mesma palavra, também despropositadamente, por deboche. Falam de literatura, o cavalheiro lhe pergunta sobre clássicos românticos e ela cita contos populares. Por último, leva-a ao piano e solicita-lhe que cante uma “ária, norma ou romance”, mas ela entoia a “velha cantilena ‘Aonde vai Sr. Pereira de Moraes’ com

uma “voz de gata engasgada”. Apesar disso, é muito aplaudida, o que a deixa mais convencida de seus dotes artísticos. O narrador a leva a uma cadeira e a deixa lá, não sem antes dizer-lhe que ela cantava divinamente. Ao que ela respondeu: “Sou muito modesta *beaucoup*”. E a resposta: “Pois V. Ex<sup>a</sup> canta de forma *beaucoup* especial; ainda mais o tal Sr. Pereira de Moraes”. O narrador conclui a narrativa, perguntando-se: “- Pobreza ou riqueza de espírito?”. E transfere sua pergunta ao leitor, “que está com os olhos por demais regalados para nós, ansioso por ouvir o resto”. Ele que julgue a Ex<sup>m</sup>a D. Etc., concluindo, ironicamente, “E... julgue, *beaucoup*”.

O segundo conto, “Nem tudo que luz...”, tem como personagem central o Sr. Redinavo da *chicana*, palavra de origem jurídica que significa “manobra capciosa, trapaça, tramoia, treta” (HOUAISS, p. 699), em suma, o malandro, e isso já vai criar a expectativa em torno da trama. Era um político às direitas, estudioso da homeopatia e o rábula da freguesia, advogado prático, sem curso, mas dizia-se entendido em Direito. Conclui o narrador extradiagético, onisciente e irônico: “Enfim, era um... *tudo entende*, no seu entender” (PEREIRA, 1896, p. 8). O Sr. Redinavo era figura popular em sua comunidade, sempre convidado para as festas, para testemunha de casamento e padrinho de batizados. Como no conto anterior, há um diálogo entre o narrador e o leitor, com quem conversa como se fosse o ouvinte de um causo popular: “Quem, na freguesia, se casava, batizava o bebê ou fazia qualquer festa em casa e não convidava o Sr. Redinavo? Quem?”. E o narrador mesmo responde com imagens bem do cotidiano popular: “Era mais fácil não haver fartura de doce de mamão; café de calda de cana ou mesmo de rapadura e ter apenas um garrafão de vinho tinto, e um outro de parati, que faltar o Sr. Redinavo, como gênero de primeira necessidade” (PEREIRA, 1896, p. 8). Observe-se a ironia na comparação e na expressão “gênero de primeira necessidade” para se comparar doce caseiro, calda de cana, rapadura, garrafão de vinho ou de cachaça ao personagem. E o diálogo com o leitor se acentua com as intervenções “E note o leitor”, “E sabe o leitor por que o nosso herói era a grande cousa do lugar? Não sabe?”, estabelecendo uma cumplicidade típica da oralidade:

Aqui para nós e que ninguém nos ouça- era o chefe político! E que político! De não largar os amigos enquanto não arrumava todos os seus negócios. E, por esse motivo, logo que ele chegava, dizia o chefe central em voz baixa para os que o rodeavam: “Hi!... Quem nos chega... que sarna...” (PEREIRA, 1896, p. 9).

Apresentado o personagem resumido como “finório”, pessoa que engana as outras pela aparência, prossegue o narrador. Redinavo tinha uma filha de nome Sábria, que desejava se casar com pessoa que fosse de seu agrado. Um dia, vai-lhe à casa um rapaz solteiro, de boa aparência e Redinavo arma um plano para casá-lo com a filha. Apresenta-se como chefe político local, com prestígio com o partido no poder e lhe promete conseguir-lhe emprego ou um serviço de limpa de estrada ou reparos de ponte em troca de ser seu genro. O rapaz, também chamado Sábrio, reluta em aceitar, mas, por interesse, acaba aceitando. Tudo decidido, em um mês estavam casados. Após o casamento, o rapaz descobriu que os bens do sogro não passavam de uma modesta casa coberta de tabuinha, onde moravam, de outra coberta de palha, onde era a venda de parcos mantimentos e uma pequena lavoura para o sustento da família.

A festa do casamento é descrita com bastante humor:

A noiva, bonita como era, (credo!) não se esqueceu de segurar o vestido na frente; e, o noivo, trajando uma calça preta, que pelo tempo que possuía estava ruça; um paletó curto que mais se parecia jaqueta; um chapéu de lebre e umas botinas 44, fazendo-se esquecido, olhou para ela com certo ar de néscio e deu-lhe o braço esquerdo!.. E sabe o leitor por quê? Para que não se divulgasse o imenso remendo, cosido com linha branca, que estava na manga desse lado (PEREIRA, 1896, p. 12-3).

Após a lua de mel, o Sr. Redinavo foi ao chefe do centro, o partido no poder, interceder pelo genro e tudo lhe foi prometido. Voltou à casa e deu a boa nova ao genro, dizendo-lhe que o *arranjo estava feito*, e por uma gorjeta bem gorda, quando lhe chega a notícia da *queda do partido!*... Disse a ele: -“Eis como são as cousas... Quando eu menos esperava, pá! pu! Situação mudada”. O genro ainda lhe pergunta se possui meios para viver e ele responde:

O que possuo é o que o senhor tem visto. Aquela tasca, esta casinha e... Uma filha que lhe entreguei, que já não é tão pouco”. O genro tenta desfazer o negócio: -“ Mas, pelo que o senhor me disse... Bem sabe que não solicitei-a. O senhor foi que me a ofereceu. – Sim, sim, é verdade; mas o que se há se fazer, se a política caiu?” (PEREIRA, 1896, p.13-4).

Hilariante o diálogo entre os dois, não fosse o autor o melhor comediógrafo capixaba. Esse diálogo entre sogro e genro prossegue até o final do conto, com ferinas críticas à prática política e repleto de ditos populares como “Fiquei a ver navios”, “Mateus, primeiro os teus”, “Quem casa quer casa”, para concluir com o que dá título ao conto: “Nem tudo que luz é ouro”... Além de ter uma crítica social ao casamento por conveniência, esse conto é antológico como crítica à política e à sua prática de favorecer os amigos no poder e nos remete à malandragem como prática disseminada não só na política mas também no comportamento do povo brasileiro, conforme estudou Roberto DaMatta em seu estudo clássico.

O terceiro conto, “Ir buscar lâ ...”, se inicia com uma festa de aniversário de D. Julieta, filha do Sr. Oswaldo. Dentre os rapazes que cortejavam as moças, estava Jason, o sacristão da paróquia, “Feioso como... qualquer opilado, e desjeitoso, como... qualquer vadio que chora por não ter nem um níquel, mas que não tem coragem de procurar em que ganhá-lo para minorar a miserabilidade” (PEREIRA, 1896, p. 16). Sua pretendente não lhe tinha a menor simpatia e o chamava de *muleta*. O narrador, mais uma vez, intervéem na história com comentários, comparações e ironia. No dia seguinte ao baile, o sacristão envia uma longa carta a Julieta, declarando-lhe seu amor. A linguagem do sacristão é cheia de expressões latinas, ironizadas pelo narrador. “Maganão... bifou o doce, o vinho, dançou e queria...receber as mãos...E dizem que há tolos... cada um... Vou-te! Como diz o matuto”. O humor desse conto está na ridicularização da figura do personagem pelos comentários do narrador, no diálogo entre o narrador e o leitor-ouvinte de seu relato e vai num crescendo de cumplicidade: “O que diz o leitor? Pense para conversarmos quando nos encontrar”. Enviada a carta, a proposta de Jason Januário é recusada, o que fez “bufar o Jason”, que decide ir à casa do Sr. Oswaldo pedir-lhe a filha em casamento. A conversa entre Jason, o Sr. Oswaldo e D. Zulmira, os pais de Julieta, é teatral, como em todos os contos analisados. Julieta, que ouvia a conversa do quarto principal, vai ao quintal e traz o Tudesco, feroz cão de fila pertencente ao pai, e ameaça soltá-lo em cima do sacristão, se ele não se retirar imediatamente. É hilariante a cena do Jason correndo pela sala, com o cão atrás. Impiedoso, o narrador descreve a saída desonrosa do infeliz Jason:

O Jason, este coração despedaçado de amor, pôde escapular pelas escadas abaixo, que quase perde o nariz, deixa ficar o chapéu, rasga a manga do *croisé* num prego do corrimão, esbarra-se com o criado, que vem entrando com um barril d'água, cai, levanta-se em seguida, e foi-se correr por toda a rua, onde criando alma nova, disse consigo mesmo: *Perdi o meu latim...* Nem resposta, nem chapéu!... Esta me ficará, (posso dizer agora) *ad perpetuam rei memoriam...* e nunca mais, juro, *irei buscar lâ para vir tosqueado* (PEREIRA, 1896, p.21 ).

Mais uma vez, o mote do conto é um dito popular e, também, o uso da linguagem como fonte de criação e de exploração do riso.

O quarto conto, “Nem todas as verdades se dizem”, é uma sátira sobre a política. O conto já se inicia com a interpelação ao leitor-ouvinte:

Tenha paciência o leitor, e ouça-nos com a convicção de que vai ouvir algumas verdades, verdades essas que não são desconhecidas do leitor, mas que, em todo caso, é bom repeti-las, apesar do que diz o rifão: - *nem todas as verdades se dizem*. Comecemos pela política onde há de tudo. É um verdadeiro bazar de variedades... (PEREIRA, 1896, p. 22).

E justifica sua opinião com os exemplos: “X é elevado a uma certa posição, embora sem talento, patriotismo, nada fez que mereça menção, é endeusado [...] muito embora haja conhecimento pleno de nenhum merecimento de X”. O relato prossegue com o narrador conversando com o leitor sobre a prática política: “Em política, quem ocupa posições de responsabilidades, vive sempre *preso por ter cão e por não ter*. [...] Portanto, gritas em política, não mata nem alegre. É questão de mamadeira; quem mais chora, mais mama...”. E dá mais um exemplo:

F é jeitoso e tem desejos de galgar certo lugar, mas faltam-lhe conhecimentos. Estuda às pressas, e entra em concorrência com F', que submete-se às provas, fiando-se apenas na sua inteligência e no preparo que tem; -distancia-se de F e não quer julgar-se credor atrás do devedor. Queremos dizer: - não rogou a proteção. No fim de contas F', que sabia manejar o taco, apenas

faz uma carambola e F ganha a partida! Então? Sabe o leitor por que artes de berliques e berloques virou-se o feitiço contra o feiticeiro? F pertencia à política que dominava, e F' à que esperava dominar. A política, o leitor sabe tanto quanto nós, é o diabo em figura de... Ora, seja ela em figura do que for, é uma mexeriqueira, uma verdadeira Ana Bolena... A política é uma espécie de cômica. Com a maior facilidade, ri sem ter prazer e chora sem ter vontade (PEREIRA, 1896, p. 23).

O conto se estrutura com a digressão do narrador sobre a política e os argumentos que usa: H dá um baile em comemoração a um aniversário seu ou de algum familiar e convida as pessoas de sua relação. Se batiza uma criança, convida para padrinho um correligionário, mas, se convida, por amizade, um amigo antagonista político, vão dizer que é por interesse, um adulator. Se casa uma filha, os paraninfos deverão ser pessoas do mesmo partido político; se não o fizer, dirão querer agradecer a Deus e ao diabo. Conclui o narrador, antes de usar o argumento de sua afirmação: “Só política... Envolve-se em tudo, como dissemos e... até no sal da cozinha”. E exemplifica com a história: D. Z, esposa do Sr. Q., lê no jornal um artigo político com referências ao marido. Sem saber como vingar do redator, perguntou à criada se fazia as compras na casa comercial de um parente do redator do jornal. Ela responde-lhe que somente comprava na casa do primo do redator, pois ali “o sal era muito alvo e bem medido ou pesado”. Ao saber disso, a patroa proibiu-a de aí fazer compras, sob pena de ser castigada. Comentário irônico do narrador: “Que mulherzinha, santo Deus! Quem sabe se ela não é mais política que o leitor?”. Finaliza o conto com a observação:

E como é necessário a política em tudo, porque de tudo faz-se política, desde já declaramos solenemente ao leitor que seremos políticos, mas rezando sempre na cartilha dos verdadeiros políticos que... Conclua o leitor, que nós já vamos nos alongando demais, e é preciso que nos lembremos de que – *nem todas as verdades se dizem* (PEREIRA, 1896, p. 26).

Diferente dos outros contos, esse não apresenta personagens “verdadeiros”, não possui uma trama, nem diálogos teatrais, apenas uma fala do narrador ao leitor-ouvinte, uma digressão argumentativa sobre as contradições políticas em que “nem todas as verdades se dizem”.

O quinto conto, “Quem muito escolhe...”, é o mais longo de todos e narra a história do Sr. Zebedeu, 70 anos, que tinha uma filha “bela como os amores”, Emília, mas não aceitava nenhum pretendente para ela. Aparece o Sertório, cujo nome não lhe agradou e muito menos a profissão, pois era formando em Medicina e isso lhe parecia mau agouro. Como sempre, o relato é intercalado com intervenções irônicas do narrador ao leitor: “Já viu o leitor tamanho disparate? E... note, foi em seu tempo, o Sr. Zebedeu, um leitor inteligente, o que ainda revela pela memória que possui. A idade, porém, o tem tornado supersticioso e emburrante” (PEREIRA, 1896, p. 28). Passados quinze dias, três jovens, em comitiva, foram se declarar pretendentes à mão da bela Emília: O farmacêutico Narciso, o fotógrafo Diógenes e o músico Euclides. Todos foram recusados pelo pai da moça com argumentos próprios sem que Emília pudesse decidir. Seis meses depois, surge o Comendador Junius, dizendo que tinha permissão de Emília para intermediar o casamento entre ela e um comerciante chamado Cupido, que viera montar uma fábrica de tecidos. Zebedeu aprova a escolha e o casamento é marcado para daí a oito dias. Um mês após o casamento, Cupido é interpelado pelo sogro sobre a construção da fábrica, ele responde que não há pressa e que pretende viver às custas do sogro. Além do mais, é jogador e pede à esposa cinco mil réis para o bilhar. Pai e filha se arrependem da péssima escolha que fizeram, o Comendador se exime da culpa, e, ao ser perguntado sobre o que fazer, responde: “*Chorar na cama que é lugar quente...*” ao que Zebedeu completa: “- *Quem muito escolhe com o pior se fica*”. A maior graça desse conto está na justificativa pela não escolha dos pretendentes por seus nomes e profissões e pela escolha do futuro marido por se chamar Cupido, o esposo de Psikê, na mitologia. “Cupido! Há de ser um bom marido”... Enganaram-se todos.

O sexto conto, “O pior cego”, é a história de D. Felicidade, simpática matrona, viúva e pobre, mãe de Florzinha e Dondona, família sustentada por um irmão da viúva, negociante de maior escala. Após afirmar que as filhas não sabiam o que era namoro, o narrador pergunta: “O leitor acredita?”, e daí começa a conversar com o leitor sobre namoro e amor. Volta a falar das moças, mostrando-lhes a dupla face: “*Elas jogavam as pedras e escondiam as mãos... Cobravam boa fama e deitavam-se a dormir... Junto de mãe, eram umas santas; ao lado do tio, umas santinhas, e às ocultas umas santarronas*” (PEREIRA, 1896, p. 38). Observe-se a diferença

semântica entre “santas”, “santinhas”, “santarronas”, com o uso estilístico do diminutivo e do aumentativo para indicar o oposto do que o adjetivo “santa” preconiza. Florzinha, a mais nova, estudava francês com o Sr. Felício, um verdadeiro *dandy*; Dondona dava lições de música ao Sr. Eutérpio, de quem gostava, um “bilontra”, pilantra. D. Felicidade acreditava na inocência das filhas, sem saber de seus namoricos e dos bilhetes e cartas aos prediletos. Era míope, em todos os sentidos, com o que se aproveitavam as filhas e os dois malandros durante as aulas. A maior graça do conto está na descrição das aulas de francês e de música, pois, mesmo na presença de D. Felicidade, os quatro se apalparam e se beijaram sem que ela perceba. A velha adormece e os quatro vão para o jardim “colher a flor de nossa predileção”. Bernarda, a criada, no entanto, ao ver o que se passava no jardim, desperta a patroa e a leva à janela para ver o que se passa lá. Míope, ou fazendo-se de, D. Felicidade diz que nada vê. “Mal sabia a D. Felicidade, que eles apenas a avistaram do jardim, deram às de Vila Diogo indo de novo para as lições...” Bernarda desiste de convencer a patroa e lhe diz, pelas costas: “*O pior cego é aquele que não quer ver*”.

O sétimo e último conto da antologia é “A...q...u...i...qui! Apanhei-te!”, o único com dedicatória a Jules Grauvail. O conto se inicia com a interpelação ao leitor: “Conheceu o leitor o Deucalião?” e justifica, “não o Deucalião da mitologia, mas outro que fora apresentado por um amigo a uma viúva rica, pretendente a casamento e com rapaz que não tivesse mais de 30 anos”. “Que ingenuidade...” exclama o narrador, o que desperta a curiosidade ao leitor por saber de quem seria essa ingenuidade, do rapaz ou da viúva? Passaram a se frequentar e “a *boazinha* da viúva também gostava imensamente dele” (PEREIRA, 1896, p. 44). O itálico no adjetivo vai preparando o leitor para o que virá. O rapaz era pobre e a viúva logo percebe que ele se interessava pelo dinheiro dela. Tenta dissuadi-lo dizendo ser idosa, com 52 anos e travam divertido diálogo, com o rapaz tentando convencer a viúva de que se interessava por suas virtudes, ao que ela cede e lhe dá documentos no valor de noventa contos, “que ele aceitou com certo ar de *santa simplicidade* e exclamou: *A...q...u...i...qui...menéres!*”. E ela, por seu turno, rindo-se para ele, ancha como se tivesse vencido a guerra das duas rosas, exclamou também: “*Apanhei-te, cavaquinho*” (PEREIRA, 1896, p. 48). A Guerra das Rosas ocorreu entre as casas de Lancaster e a de Iorque, na Inglaterra, no século XV, durou 30 anos, e terminou

com a vitória de Henrique Tudor, que se casou com Isabel de Iorque, unindo as duas casas. A referência no texto é ao longo diálogo entre os dois, quase uma batalha, que termina com a vitória de ambos, um final feliz para o amor e a conveniência. Embora sem fazer referência a algum dito popular que tenha perdurado até os nossos dias, já que a expressão “Aqui menéres” desapareceu da linguagem popular, bem como o “Apanhei-te, cavaquinho”, o conto figurativiza a falsidade entre o que se pensa e o que se diz, marca principal da ironia.

A esses sete contos de *Humorismos*, pode-se acrescentar outros dois publicados em *Folhas dispersas*, provavelmente no mesmo ano de 1896, o “Antes só do que...” e “X.P.T.O. London!”, por apresentarem linguagem semelhante aos sete de *Humorismos*, seja pela exploração do humor, seja pelo diálogo irônico entre narrador e leitor, seja pela recriação de ditos populares ou de linguagens coloquiais do tempo de Amâncio Pereira.

Em “Antes só do que...”, Gastão, 72 anos, aguarda a esposa Raphaela, de 60, se arrumar, para irem à missa do Galo na Matriz. Ao chegarem à igreja, se deparam com o sacristão expulsando um cão dormindo embaixo do coro. A missa tinha acabado, mas o sacristão os conduz à Capela de Santa Luzia, onde havia claridade. Ao chegarem, o padre pronunciava o “Deo gratias”, expressão latina que encerrava a missa. Gastão discute com a esposa, culpando-a pelo atraso, e decide ir a uma terceira igreja, a de S. Lourenço. No caminho, encontram conhecidos, com quem a mulher conversa. Gastão, impaciente, faz-lhe gestos para que se apresse. Ao chegarem à igreja de São Lourenço, o povo saía da igreja. Tentou uma quarta vez e foram até o convento, onde haveria a última solenidade da noite, também inutilmente, pois o sacristão fechava a porta principal, quando chegaram. Contrariadíssimo, suando, voltam para casa, com Gastão culpando a esposa como causadora desse desastre, único na sua vida. Ela permanecia em silêncio, “trombuda”. Em casa, jogou a bengala e o chapéu em cima das cadeiras, atirou-se sobre o sofá, sem despir a casaca e, olhando de semblante carregado para Rafaela, disse consigo mesmo: “Muito certo o que reza o rifão: Antes só do que mal acompanhado” (PEREIRA, [1896], p.21). Para quem conhece a Cidade Alta de Vitória, é divertido imaginar a cena dos dois velhos, andando de igreja em igreja, entre ruas e ladeiras, tentando chegar à missa na Noite de Natal, sem o conseguir, a paciência e o mau-humor de Gastão

com os atrasos de Rafaela e o nem se importar dela com o marido nesse antológico conto de Amâncio Pereira, profundo conhecedor da alma humana e da vida social. E o humor também está no fato de um casal tão longevo ainda se aborrecer com o jeito de ser um do outro.

O último conto, tanto desta análise quanto da antologia *Folhas dispersas* é “X.P.T.O. London!”, que também foi publicado no *Almanak* de 1918, e narra uma Festa de S. João na casa de D. Dezembrina. Enquanto as velhas falam da carestia dos tempos, os jovens brincam de “disparates” e de “tirar a sorte”. Jany, filha de Dezembrina, tira a sorte quatro vezes, e todas as quadras dizem que ela se casará com um Capitão. A brincadeira é interrompida por Frederico, que assava as batatas na fogueira e entra na sala correndo dos moleques que queriam lhe roubar as batatas e, ao final, pela chegada de Maurício, marido de Dezembrina, acompanhado do Sr. Anacleto, seu companheiro de colégio, 48 anos, a quem as jovens acham muito feito, mas chamado por ele de “valente capitão”. A previsão das sortes se completa com Jany se casando com o Capitão. O título do conto é uma expressão da época que significava “Tudo terminou bem”, provavelmente um código de guerra incorporado na linguagem usual.

O Prof. Guilherme Santos Neves, em artigo publicado em 1962, por ocasião do centenário de nascimento de Amâncio Pereira, intitulado “Amâncio Pereira e o nosso folclore”, reconhece no velho mestre seu interesse pela cultura popular, pois “curioso e apaixonado, foi buscar na boca e na tradição do povo, alguns dos preciosos fatos folclóricos que, depois, divulgou na imprensa capixaba” (NEVES, 2008, v. 2, p. 295-297). Em seu artigo, cita trovas colhidas num desafio entre um violeiro e uma mulher, onde se nota “certa ironia maliciosa e ferina, disfarçada nas expressões de sentido figurado com que os contendores compunham as suas quadras”. Pois esse conto traz essa cultura popular tão arraigada na alma brasileira e a tradição herdada da lusitana de se comemorar o São João com fogueira, batata assada e brincadeiras, hoje substituídas pelas quadrilhas de danças, em todo país. No entanto, o registro de Pereira, no conto, mostra a forma como eram comemoradas as festas de São João no século XIX e o costume de ler sortes em quadras como estas: “Nem tanta pressa, menina,/Nem tanta sofreguidão,/ Que sereis em breve esposa/De um valente capitão” ou “Morre por ti um alferes/ E também um sacristão/ Mas nunca irás a sineiro,/

Por causa de um capitão”. E ainda: “Deseja-te um taverneiro/ Mui amante do feijão,/ mas dele nunca serás/ pois te quer um capitão” (PEREIRA, [1896], p. 67).

Explorando a ambiguidade de ditos populares, estabelecendo diálogo crítico e irônico entre narrador e leitor, recriando diálogos teatrais com personagens típicos e o cotidiano de sua época, como a conversa entre comadres sobre a carestia dos alimentos, nesse último conto, Amâncio Pereira utiliza o humor e a ironia para mostrar os seres humanos em suas diferentes facetas, confirmando o que disse André Jolles que

a ironia troça do que repreende, mas sem opor-se-lhe, manifestando antes simpatia, compreensão e espírito de participação. Por isso é que ela se caracteriza pelo sentido de solidariedade. [...] É essa a razão por que a solidariedade tem aqui significado mais profundo. Sente-se, na ironia, um pouco da intimidade e da familiaridade entre o superior e o inferior. É justamente nessa solidariedade que reside o imenso valor pedagógico da ironia (JOLLES, 1976, p. 211).

Também em seus contos, como no teatro, Amâncio Pereira foi um mestre, não só de fazer rir, mas também o de saber usar o riso como denúncia de nossas contradições, de nossas pequenas misérias, das fraquezas humanas e, com isso, demonstrar seu amor pelas pessoas, como elas realmente são, sem julgá-las, com a arrogância típica dos intelectuais doutores de sua época. Por toda a sua obra, espalhada em poemas, contos, crônicas, ensaios, comédias, dramas, novelas, romances, revistas, operetas, almanaques, didáticos, escrita de 1880 a 1918, publicada ou não, Amâncio Pereira foi o maior e o melhor escritor de sua geração, não reconhecido em sua época e muito menos hoje, quando poucos capixabas e, mesmo os estudiosos da literatura e da história do Espírito Santo, sabem de sua existência.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1992.
- ASSIS, Machado de. **Várias histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense, 1981.
- BENJAMIM, Walter. O narrador. In: \_\_\_\_\_. **Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio sobre Literatura e História da Cultura**. Tradução de Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BERGSON, Henri. **O riso. Ensaio sobre a significação do cômico**. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- DAMATTA, Roberto. Pedro Malasartes e os paradoxos da malandragem. In: \_\_\_\_\_. **Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1977.
- DUARTE, Lélia P. **Ironia e humor na literatura**. Belo Horizonte: PUC-MG, 2006
- JOLLES, André. O Chiste. In: \_\_\_\_\_. **Formas simples**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.
- NEVES, Guilherme Santos. **Coletânea de estudos e registros do folclore capixaba (1944-1982)**. Vitória: Centro Cultural de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo, 2008. 2 v.
- PAULINO, Graça et al. **Intertextualidades: teoria e prática**. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1997.



# *Antologia Poesia*



## Vozes D'Alma

Ao Prof. Aristides Freire  
(Aludidos aos seus trabalhos dramáticos)

Não te curves às vastas eminências  
Nem tão pouco aos vates eminentes,  
Rasga o véu que te esconde nas grandezas  
Porque sei que no crânio calor sentes.

### I

Neste canto paupérrimo e profano,  
Não quero ofender a teus arcanos,  
E sim, neste mar, neste oceano  
Das letras que é troféu, és uma glória,  
Entoar-te na lira de meus cantos  
Uns acordes fraquinhos, porém santos,  
Que serás de um povo seus encantos  
Nos adornos das páginas da história.

Quisera ser poeta no momento  
Que a vontade associada ao pensamento  
Pudesse corresponder o meu intento  
Dando a prova cabal dessa afeição;  
Que nascida mui pura verdade,  
Vibrada por sincera amizade,  
E que não é lisonja, - falsidade  
Que apodera-se de meu moço coração.

E vós, valente mocidade,  
Que sois jovem na vossa pouca idade,  
Vede o que é força de vontade  
Dom dessa mágica Natureza:  
Mais tarde entoar-se-ia canção  
Aos livros, às letras, à instrução.  
E então a vil profanação  
Não será do mundo a realeza.

Por enquanto a escola da civilização,  
Não é mais que uma pretensão  
Que renasce em todo coração  
A esmagar preconceito ou falsidade;

Porqu' inda há quem seja adulator,  
E quem não dê ao mérito seu valor;  
E quando se ama aos livros com ardor  
A mesquinhos queima incenso com vaidade.

Aristides, porém, tem a essência,  
Tem o dom de suma excelência,  
Depositando no altar da inteligência  
A prova de sua elucubração;  
Não se amedronta, nem mesmo se espanta  
Da poeira que sempre se levanta,  
Das urzes que ferem sua planta,  
Torna altivo, não tem humilhação.

Dele a "Caridade", o "Egoísmo", \*  
Que vereis o abandono ao ostracismo,  
Q eu vereis o escárnio ao cinismo,  
E sim das letras pátrias o amor:  
Aristides, não quer ver mercadejada  
As letras que têm sido decantadas  
Principalmente de sua pátria amada,  
Quer ele ser um seu cantor.  
(\*Dramas do Sr. Aristides Freire)

## II

Lançai um só olhar  
Aquele sobranceiro:  
Não enganoso qual procela do mar,  
Que ruge, ruge, quando forte o nevoeiro,  
Lutando fortemente 'té a terra;  
Sem demora um estampido soa à serra,  
O ruído bruscamente d'um trovão.  
E o vento rumoreja,  
Sem demora relampeja,  
Lá no espaço, no céu, lá n'amplidão.

Entoai-lhe no luminoso templo da ciência,  
Com respeito grandioso e com clemência,  
Cânticos de mérito e de valor,  
Como de Átila no arrastar a única

No bosque a única  
Com paixão e calor.  
Não coloquês ante este homem paradeiro;  
Deixai-o passar qual um Junqueiro  
Colhendo flores,  
Sem temer jamais olhar de infamante,  
Do vil, ousado, bruto, petulante  
E traidor!

Ele ali às portas d'esse templo onde as chaves?  
Por onde entrou Dirceu e Castro Alves!  
Quero abri-las, dai-m'as sem demora,  
Quero ter ali ricos tesouros;  
De Casimiro, Alencar, as glórias, os louros  
Qu'inda são agora.  
Quero ver esse sacrário lindo, embriagador,  
Em que foi depositada a prova do ardor,  
Com que amava tanto a poesia,  
O nosso poeta consumado;  
Quereis sabê-lo? No poema afamado  
Está: - Gonçalves Dias.

### III

Deixai que ele dê luz àquelas trevas,  
Onde soa o triste canto das selvas;  
Daí lugar:  
Ele busca de Varela e outros tantos,  
Poemas enriquecidos no altar  
Dos livros santos;  
Da gloriosa carreira da evolução,  
Em qu'ò espírito condiz à educação  
Em prova cabal.  
E agora me lembro do imortal Camões,  
Quando no catre e chorando no hospital,  
Desprendia da lira ternas canções.

.....  
Se nos túmulos onde dormem imortais,  
E que seus nomes existem nos anais,  
Se fossem vivos com seus doces falais,  
Veriam que Aristides é sobranceiro;

Que não se deve curvar a eminente,  
Que um calor em seu crânio ele sente,  
Que escreve, pensa independente,  
Quer é poeta, dramaturgo Brasileiro.  
(14/02/1880)

(Vitória, 01/09/1882. In: O Baluarte, n. 1. p.1-3)

## O Escravo

A José do Patrocínio

Cantai, mocidade, cantai sempre  
Do cerúleo horizonte o seu clarão,  
Detestando do mundo a entidade,  
Que comercia c'a pobre escravidão.

É tempo! e no trono sacrossanto,  
Tesouro maior da cristandade,  
Arrancando-lhe do escravo o vil ferrete  
Dai-lhe em troca o sublime: a "Liberdade"!

Espancai estas trevas enegrecidas  
Em que vê-se somente a tirania;  
Deixai que irmão nosso sem ventura,  
Veja ao menos com prazer a luz do dia.

Deixai qu'ele ao menos ore a Deus,  
Tendo no coração suma alegria;  
Qu'ele arranque de seu peito amargurado,  
O peso do dissabor – da agonia.

Arrancai de seus pulsos as algemas  
Que lhe impõe o dever do cativo.  
Que no belo fulgir de linda estrela  
Lhe acena a sorrir porvir fagueiro.

Que Cristo na sua lei divina  
Não criou essa vil profanação,  
Que ostenta o poder do ouro infame,  
No comércio da infeliz escravidão!

Tende em vós o laurel de tanta glória.  
Expargi no seu seio a “Liberdade”.  
Arrancai-o do acre cativoiro,  
Dai-lhe: “Pátria, Poder”, dai-lhe a “Equidade”.

(Vitória, 07/09/1882)

### Sonhando

A Amálio Grijó

Por que tu foges, morena,  
Nesta hora tão serena,  
Do lado de teu amante;  
Como a branca borboleta  
No ramo da violeta  
Beija-o todo, em um instante?

Por que vais tão ligeirinha  
Como a pétala da rosinha  
Que a verga a brisa amena?  
Por que vais tão feiticeira  
Nessa mimosa carreira  
Qual um botão d’açucena?

Não t’amedronta essa hora  
Em q’ a lua se enamora  
Com a terra, a multidão?  
Ah! É que levas escrito,  
Repetindo ao infinito  
Meu nome no coração.

(Vitória, 01/09/1882. In: **O Baluarte**, n. 1. p.4)

## Bordando no Bastidor

### I

Bem juntinho da janela  
Que dava para o jardim,  
Eu vi linda querubim  
De meu peito anjo bendita,  
Que nem o céu, o infinito  
Que tem poesia, amor,  
Podia ser competidor  
No todo que a ornava  
No momento em que estava  
Bordando no bastidor.

### II

Suas formas de beleza  
Neste mundo, sem igual,  
Não podem ter um rival:  
São filhos da natureza;  
E falando com franqueza,  
Sem contra ela depor,  
Direi que nem uma flor  
Competiria com ela,  
Quando estava na janela,  
Bordando no bastidor.

### III

Se acaso for inverdade  
O que deixo aqui escrito,  
Quero ser pobre proscrito  
Vivendo na soledade!  
Não quero ter a vontade  
De ser mero trovador:  
Quero ser pobre d'amor,  
Se houver quem me conteste,  
Não ser um anjo celeste  
Bordando no bastidor.

IV

O que posso afiançar  
É que escrevo a certeza,  
Mostrando sua beleza,  
No que posso analisar.  
E falando sem errar  
No que acabo de expor,  
Direi que é com rigor  
O que fica atrás escrito;  
De ser um anjo bendito  
Bordando no bastidor.

V

E com esta vou deixar  
A minha tosca vidraça;  
Pode ser que algum chalaça  
Venha para aqui chegar  
Com o fim de conversar.  
E como não estou a dispor  
De tempo p'ra amolador,  
Vou dar o ponto final  
Dizendo não ter rival  
O anjo do bastidor.

(Vitória, 28/10/1882. In: **O Baluarte**, n. 5. p.3)



# *Antologia Prosa*



## Leonina (Cenas Contemporâneas)

A Ubaldo Pereira

A noite ia alta e era serena.

Diana com sua luz poética desprendia d'amplidão celeste os vívidos clarões de seus raios brilhantes, trazendo para Antenor a lembrança de sua amante que há meses não a via por ter ido à Corte em companhia de seu pai.

Antenor era seu Romeu e meu companheiro de casa; por uma dessas loucuras de mocidade, abraçou-se nas labaredas do amor que, quando não é sincera, o seu abandono traz o esquecimento e mais nada.

Meia-noite deu o relógio de casa: - nem um canto de donzela, nem um arrulho da interessante juriti nós ouvíamos, porque ainda cedo se havia recolhido ao seu ninho.

Tudo era silêncio!

Fomos reconciliar o sono e a muito custo Antenor o fez, pois sua imaginação era perturbada por um nome de anjo!

Sonhava!...

Su'álma conjuntamente com seu espírito arquejavam por um sagrado e sincero amor seráfico, quando ele acorda, chama-me e diz:

-Vi tocar indelevelmente em minhas pálpebras uma mão mi-mosa e delicada, macia como um veludo e alvinha como jaspe. Acor-dei impregnado por esta ilusão... nada vi... estou pensativo... e no meio deste silêncio noturno fico tristonho... sinto estremecimento nas fibras de meu coração e os lábios trêmulos! Sonhando, vi-a! e quando ia quase balbuciando o seu nome angélico e santo, tocando as suas asas brancas semidouradas, porque já me era a figura de um arcanjo bendito, foi desaparecendo, falando em amor e disse-me: Até amanhã!

-Não posso mais entregar-me aos braços de Morfeu.

Acompanhar-te-ei até ao alvorecer do dia.

\*\*\*

Que manhã festiva!

Eram 7 horas quando ouvimos o sinal de chegada do vapor. Era o "Ceres".

Sáímos, e quando passamos pela porta do Sr. Alcínio, vimos Leonina pensativa na janela: cumprimentamo-la, nos corresponde e um olhar travesso e doce lança para Antenor, que, não podendo mais resistir, convidou-me a visitar a família.

Entramos.

Leonina estava linda como os amores; e enquanto seu pai conversava comigo, dando-me as boas novas da Corte, Antenor entreteve com Leonina o seguinte diálogo:

- Leonina, que alegria sente meu coração e que consolação sente meus olhos ao ver-te depois de tantos meses de ausência! És um querubim formoso! Como estão lindas estas tuas faces! Ainda me amas?

- Tanto quanto as cinzas de minha mãe, como o sol ao mundo, como a lua as campinas, como a meu Pai, como Dante a Beatriz! E tu?

´ - Ah! Minh'alma é como o canto do bardo que ama! Bebo o perfume de tuas doces falas como a borboleta o mel das flores! Sou Tasso, tu és minha Eleonora, minha Leonina!

- E tu, meu Antenor!

- Mas ainda te queres casar comigo?

- Sempre.

- E não te peja eu ser pobre e tu...

- Cala-te, és muito rico, és moçoço e...

- Mas...

-... e sobretudo és meu amante!

- Oh, Leonina, quanto te devo, quanto és bondosa!...

- Nada disto, repete-me só que sou tua amante!

- Pois bem, amanhã...

- O que fazes?

- Pedir-te-ei em casamento e...

- Seremos muito felizes!

Deram dez horas e retiramo-nos.

Antenor veio para casa e não falava senão em Leonina; - esqueceu-se até de ir assinar o ponto e entregar-se ao trabalho de sua repartição; fez gazeta.

À tarde, saímos em passeio, atravessando estas ruas, até chegar ao jardim onde encontramos um tipo de figura burlesca que nos deu meia hora de prosa, falando em Netuno, Vulcano e Minerva.

\*\*\*

Vinha chegando a noite plácida e amena, quando voltamos do passeio.

Antenor caceteou-me toda a noite sem me deixar dormir.

- Conta-me como viestes a sentir essa paixão louca por Leonina? Onde a conhecestes? Aqui?

- Não, na cidade de \*\*\*

Um dia, estava eu junto a um rio que corria caudaloso, separando a vila da cidade, quando vi sair duma habitação uma menina cantarolando e veio colocar-se também perto do rio, casando a harmonia de sua voz com o correr das águas. Eu era quedo e contemplava-a... Depois, falei-lhe, ela me correspondeu. Tomei-lhe amor e ela pasmada em ver-me olhando-a, perguntou-me sorrindo-se divinal.

- Também está admirando como correm brandas as águas? Como são límpidas, não achas?

- Sim, respondi-lhe; - e mais admiro a vossa candidez! Nisto vi o meu desejo!...

Ela riu-se então angelicamente...

Nesta ocasião senti uma sensação tal em meu espírito, um certo quê em meu coração, que nem te sei explicar...

- Começastes a amar.

Sem dúvida, comecei a amá-la.

Deram seis horas, ela retira-se. A noite vinha-se avizinhando e ouvi uns cantos ternos das matas vizinhas.

Caminhei a casa e passei mal toda a noite.

No outro dia, muito cedo, Quando se ia abrindo as portas d'aurora, caminhei de novo para junto ao rio... Ah! Antes não tivesse lá ido!... Encontrei um bandido... Quis assassinar-me fazendo-me milionário! Chegou-se a mim e quando ia sacando do bolso um punhal... Sabes quem me salvou? Seu pai, que se achava aí com ela num 'boulevard', à espera de passagem para irem a bordo do vapor \*\*\* com destino aqui.

O desgraçado fugiu.

Entretive com ele e ela uma pequena conversação e assisti ao seu embarque e o da virgem dos meus sonhos, de Leonina...

- Suportaste a ausência?

- Nem me quero lembrar... o amor já tinha chegado a um certo grau que me dominava! Cedi aos seus desejos, embarcando também para esta província no vapor \*\*\* no dia 21 de fevereiro de 1880.

- Encontraste o teu ideal?

- Encontrei, e esse amor que lhe consagro é inabalável, sincero e...

- Ardente.

- Justamente. Hoje a minha felicidade consiste em possuí-la; sem ela o mundo para mim seria um inferno.

\*\*\*

- Eis o bilhete que mandei a Leonina.

“Leonina,

Nunca falto ao que prometo e como o prometido é devido, espera-me às 11 horas que irei pedir a concessão de sua formosa mão. Antenor”.

- O que te respondeu?

Antenor,

“Fico não só ciente de teu bilhete, como de vires mesmo em pessoa. Sei que meu pai não te nega, e se nos julgar criminosos, o crime está justamente no apogeu de nosso amor. Até logo. Leonina.”

À hora aprazada, partiu Antenor a pedir para o seu intento e felicidade o consentimento da formosa mão de sua cara amante.

Foi concedida; e, de acordo com o Sr. Flamoir, pai de Leonina, marcou-se o dia da festa do himeneu.

Antenor, contentíssimo, volta para casa e participa-me abraçando pelo triunfo de sua vitória.

Chega o dia do casamento. Recebem-se em matrimônio às 4 horas da tarde. Muita festa, muita alegria e em tudo poesia.

Sucedem-se dias e o amor de Leonina para Antenor já não era um amor de esposa, era um amor de mãe.

Leonina tinha por ídolo o seu Antenor. Para eles a vida tinha apenas o fim de trabalharem para suas prosperidades e glórias.

Três meses depois de casado, fora Antenor demitido “a bem do serviço público” do lugar que ocupava, por motivo de política, quando ele ainda não se envolvia no seu “mare magno”.

Porém, Antenor recebeu esta resolução de braços abertos, não deixando por isso de ser ainda honrado e honesto, sabendo viver pela força de seu trabalho, sem ser nesse tempo decorrido pesado ao comércio; pois, sendo artista, glória esta de sua vida moral, apesar do artista nada valer no Brasil, recebe do público as palmas e da imprensa a exaltação, tendo em compensação não ser conduzido a caprichos políticos, gozando de direito, respeito e independência ao lado daquela que sendo esposa sabe ser mãe.

(Vitória, 14/10/1882. **O Baluarte**, n. 07. p.2 e Vitória, 11/11/1882. In: **O Baluarte**, n. 10. p.2)

## À Memória do Visconde do Rio Branco

E morreu tão cedo o vulto homérico da civilização – Rio Branco – na bela hora da manhã da existência como um “sonho terno” da lavra de Casimiro de Abreu que diz:

“Era bem cedo! Na manhã da vida  
Chegar não pode à terra prometida,  
Que ao longe lhe sorriu!  
Embora desta estrada nos espinhos  
Feliz tivesse os maternos carinhos,  
Cansado sucumbiu!”

E foi-se à taciturnidade do ermo túmulo gozar as venturas proporcionadas pelo sol de seus dias de existência, que brilhava em seus atos de heroísmo, fazendo-o – Cristo, - regenerando a nova falange da humanidade, constituindo o novo núcleo aspiratório do engrandecimento da pátria, preparando o estado social!

E finou-se Rio Branco, o soldado vencedor nas grossas fileiras da liberdade, gravando seu nome no coração da Humanidade, que hoje curva-se reverente à sua memória pela bem elaborada Lei de 28 de Setembro!

E aonde fostes habitar, regenerador da Humanidade? – Lá na humilde e tosca habitação dos mortos, tendo por leito a terra regada pelas lágrimas das mães, que as fizestes doar para a pátria futuros cidadãos e não escravos; - por travesseiro a fria pedra do sepulcro onde se acha gravada a coroa da igualdade; - por lençol as gotas do sereno que descem d’ampidão celeste; - e por companhia os anjos que oram a teu lado cantando o hino da Liberdade!

E tu morreste? Não; velas na escuridão do túmulo, recebendo as bênçãos de teus irmãos que neste momento rendem-te preito e homenagem.

Não encaro os teus feitos como homem político, mas como verdadeiro patriota, motor da futura igualdade da pátria que, quando vai dando um passo na estrada progressiva, recua por ter em si a escravidão!

O que nos resta hoje em memória desse herói denodado, que soube fitar com vontade o futuro da pátria?

Luto e Saudade!...

E ainda a esperança de que já não existe aquela alma grande,  
nobre e generosa, o gênio da Emancipação!

\*\*\*

Minhas ideias se perturbam, e minha razão diz que desprende-se do berço da existência um irmão sem rival, a quem resta-nos hoje sobre a cruz, orarmos inda uma vez e no coração – a saudade, desse iniciador da causa santa da igualdade, que não trepidou em dar a doutrina do direito aos nossos irmãos que gemem nos elos da escravidão, que têm como descanso das fadigas do dia a tirania dos vampiros que esquecem-se de que são do gênero humano e só pensam na posse dos direitos que lhes são facultados!

Porém, dia virás em que esses oprimidos, adormecendo sem pensar num mundo de abismo, surgindo de um sonho a um outro mundo de liberdade, gozando desse orvalho com solador e olhando para as cortinas doiradas dos infinitos horizontes, onde não se loa mais o infamante símbolo da escravidão, saudarão o porvir, deixando ecos à posteridade e entoarão o hino da fraternidade e igualdade, tributando o respeito à memória de José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco, que deu ao escravo o direito de cidadão, preparando o estado social e vigorando os sentimentos nacionais.

\*\*\*

Eis o destino da humanidade... morrer!  
E Rio Branco deixou de existir?!

“Mais um romeiro exausto na jornada.  
Mais um gemido de agonia e dores,  
Mais um cadáver que se arroja ao nada,  
Mais uma pedra sem letreiro e flores”.

Já não fulgura no mundo o anjo tutelar do Brasil! O Visconde do Rio Branco; teve de ceder à parca inexorável da morte este herói ao fastígio do engrandecimento o nome brasileiro.

Que fazer?  
É lei universal!

Rio Branco tem e terá em cada coração patriótico um monumento que nem o tempo o destruirá; e a história, cumprindo seu dever, nos dirá melhor que foi o libertador do ventre escravo!

Salve o dia 28 de Setembro, aniversário da lei sacrossanta da liberdade, salve, três vezes salve a memória do herói da Pátria, do vulto homérico da civilização, o Visconde do Rio Branco.

(Vitória, 28 de Setembro de 1882. In: **O Baluarte**. N. 05, p. 3)



*Anexos*





Heráclito Amâncio Pereira (1894 - 1957), filho de Amâncio Pereira, um dos fundadores da Faculdade de Direito da UFES, em 1930.

## INTIMOS

Eu sinto ainda, noiva minha amada  
Dentro em meu peito a dôr da despedida :  
Julgo te ver ainda contristada  
Como te vira á hora da partida !

A dôr que sinto, a dôr d'essa saudade,  
Que a meu semblante alegre, entristeceu,  
Só a comprehende quem na soledade  
A mesma dôr, Senhora, já soffreu.

Nescio — dirão os corações gelados  
Pela descrença e pelos desenganos ;  
Bello, no entanto, os corações maguados

Dirão commigo, si igual dôr padecem !...  
Dias que paixão nos parecem annos.  
Mezes que findão seculos parecem...

VALENTIM DEBLASE.

Victoria, 20 de Outubro de 97.



## A' AMANCIO PEREIRA.

Stoica pretensão, louca vaidade  
o querer ajudar á vossa empreza  
eu, gemente Vate, co'a pobreza  
de uma lyra sem sons, ó needade !

Porém, por bom humor ou equidade  
ouvi o trovador triste, ja descrente,  
alquebrado pelos annos, simplesmente  
modulando canções da mocidade :

— Gastei a lèda infancia sem prevêr  
a velhice, esse porto da tristeza  
antagonico do riso e do prazer ;

— Acorando n'elle enfim : mas, sem poder  
decantar hoje a bella Natureza,  
para o teu Almanak enriquecer.

CANDIDO BRIZINDOR

Victoria, 11 de Junho de 1898.

Poema dedicado a Amâncio Pereira por Candido Brizindor, em 1898.





AMANCIO PEREIRA

VIROU-SE O FEITIÇO

Comedia em um acto, original



RIO DE JANEIRO  
Companhia Typographica do Brazil, Rua dos Invalidos, 93  
1894

Folha de rosto da comédia “*Virou-se o feitiço*”, Rio de Janeiro, 1894.

**MOMENTO EM QUE A PROFESSORA MARIA LEONÍDIA PEREIRA DOS SANTOS, FILHA DO SAUDOSO PROFESSOR, HISTORIADOR, ESCRITOR E TEATROLOGO AMANCIO PEREIRA PROFERIA SEU DISCURSO NO LANÇAMENTO DO LIVRO "A CASA PATERNA", DA ESCRITORA LEA CARVALHO FERREIRA.**

É meu desejo dizer algumas palavras, porém, receiosa de que os meus muitos quinze anos me traissem neste instante, resolvi colocá-las com muita simplicidade neste papel, pois, assim, as diria mais tranquilamente.

Senhores, Senhoras, Léa querida: Há momentos, há ocasiões, em que a emoção invade nossos corações e as pessoas ficam quase sem poder falar, sem ter palavras que possam exprimir o seu sentir, a sua alegria, a sua satisfação por qualquer acontecimento.

É o que se passa comigo neste momento.

A sua "CASA PATERNA", Léa, que ao descrevê-la, você traz todas as reminiscências de um passado tão feliz, seu e de seus ancestrais, onde seus olhos se abriram para o mundo, onde você ali cresceu e viveu por algum tempo, traz igualmente para mim momentos de alegria e de saudade ao recordar que ali também meus olhos se abriram para o mundo, que ali por muitos anos, meus pais residiram e que grande parte da vida intelectual e de magistério de meu Pai ali ficou registrada.

Eu e demais descendentes do querido Pai, Avô, Bisavô e Trisavô, Professor AMANCIO PEREIRA, somos muitíssimo gratos a você por ter escolhido o seu nome, entre os muitos que habi-



taram aquela casa e não vinculados a sua Árvore Genealógica, para ser homenageado, ocupando com a sua biografia algumas páginas do tão delicado e bem escrito livro, "A CASA PATERNA".

Estes agradecimentos são também extensivos ao grande escritor e historiador capixaba, o Dr. ADELPHO POLI MONJARDIM, pelas referências que fez ao meu querido e inesquecível Pai,

ao prefaciá-lo com rara sensibilidade o tão admirado "CASA PATERNA".

Com muito carinho e alegria dirijo-me também à ASSOCIAÇÃO ESPÍRITO SANTENSE DE IMPRENSA para cumprimentá-la, na pessoa do seu Presidente, Jornalista NAHUM PRADO, pela passagem dos seus 46 anos de atividades.

Muito obrigada a todos. Muitas felicidades.

Lançamento do livro "Casa paterna", de Lea Carvalho Ferreira, em 1979, na UFES.



Maria Leonidia Pereira dos Santos, filha de Amâncio Pereira,  
em sua fala, no lançamento do livro *“Casa Paterna”*, de Lea Carvalho Ferreira.  
À direita, ao fundo, o dr. José Moysés, presidente da Academia Espírito-santense de Letras.



615

Bibliotheca das Folhinhas Laemmert

AMANCIO PEREIRA

# FOLHAS AVULSAS

Ao Sr. capitão Emilio da  
Silva Coutinho em prova de  
estima do

*Auctor.*

I



RIO DE JANEIRO  
COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL  
93, Rua dos Invalidos, 93

Folha de rosto do livro "Folhas avulsas",  
publicado no Rio de Janeiro, c. 1896.

614

Bibliotheca das Folhinhas Laemmert

AMANCIO PEREIRA

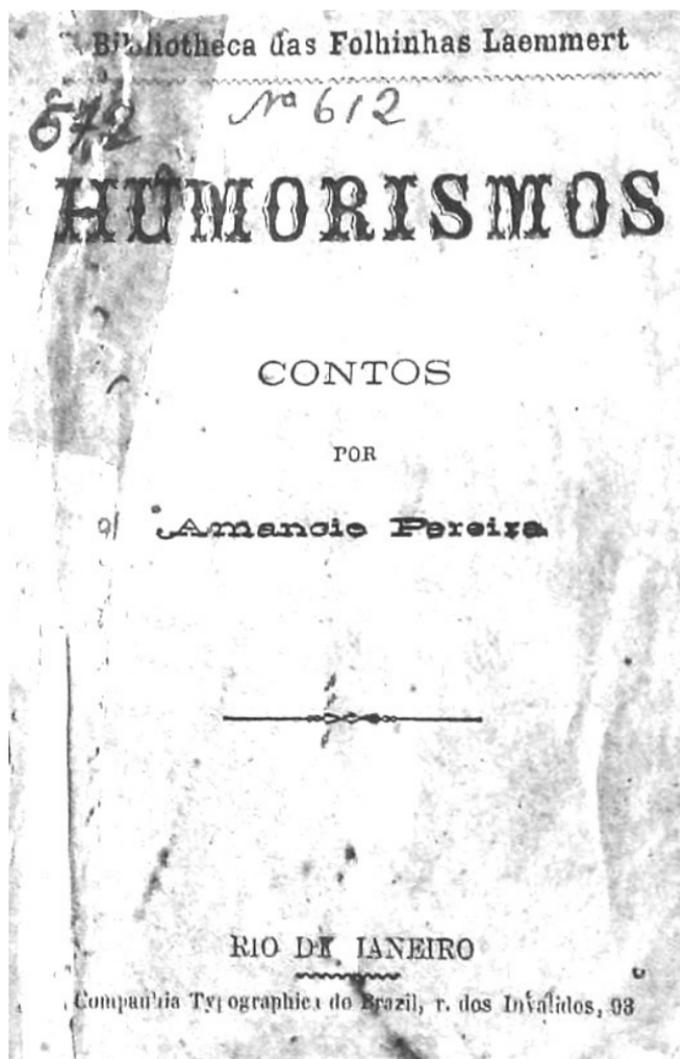
FOLHAS DISPERSAS



Companhia Typographica do Brazil

RIO DE JANEIRO

Folha de rosto do livro "*Folhas dispersas*",  
publicado no Rio de Janeiro, c. 1896.



Folha de rosto do livro "Humorismos",  
publicado no Rio de Janeiro, c. 1896.

## RELIQUIA PRECIOSA

Sejam as demonstrações cívicas que se realisam no dia de hoje o mais—eloquente testemunho de que no coração brasileiro, qual amphora estimativa, guarda-se com carinho, affecto e admiração, na altura de uma reliquia preciosa, a memoria do Grande Vulto Historico Domingos José Martins, o Heróe que na manhã de 12 de Junho de 1817, no Campo dos Martyres, no glorioso Estado bahiano, com aquella coragem espartana, admiravel, enfrentou seus algozes a mando do rei, representado pelo conde dos Arcos, deixando irromper dos labios, no lugubre momento de seu holocausto, essas magistraes palavras que valem por um poema vibrante de sua alma de patriota: «Vinde executar a ordem de vosso sultão, mas ficai sabendo que morro pela liberdade!»

E foi justamente por ella, por esse ideal santo e digno que esposou com inabalavel crença, com a-mais viva fé de cumprir um dever de homem cidadão, que elle fizera-se Apostolo convicto, denodado, indo até ao sacrificio que lhe foi imposto, como premio á sua tenacidade invejavel, a seu acendrado amor á consumação da varonil causa da Independencia Patria!

Recordemol-a sempre com amor cívico!

PROF. AMANCIO PEREIRA.



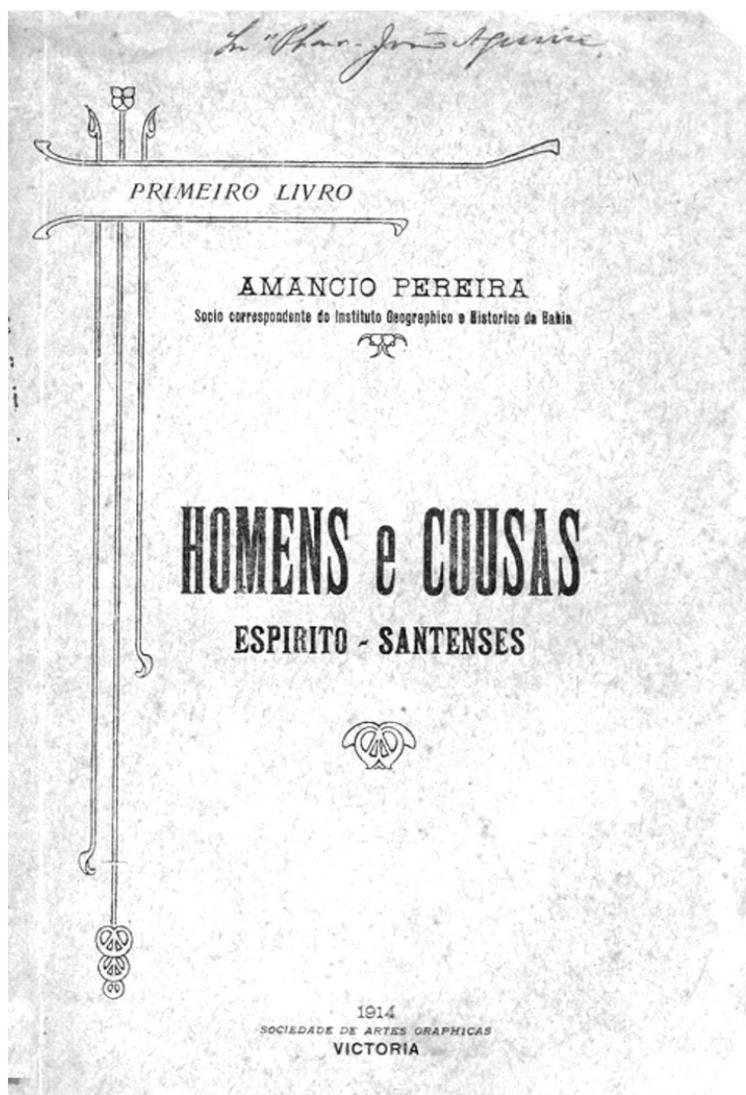
Netos de Amâncio Pereira, filhos de  
Heráclito Amâncio Pereira, com a mãe Maria Franklina:  
Antônio Benedicto, Mariazinha, Heraclius e Hariolus,  
todos Amâncio Pereira.







Capa de "Almanak do Estado do Espírito Santo", publicado em 1918, última obra de Amâncio Pereira em vida.



Capa do livro "Homens e Causas Espirito-Santenses", publicado em 1914.

RODRIGO SARLO ANTONIO  
Oficial do Registro Civil das Pessoas Naturais da 1ª Zona  
Judiciária da Cidade de Vitória, ES  
Comarca de Vitória  
Av. N. S. da Penha, 549, Lj 1, Ed. Wilma, Santa Lúcia, Tel. (27) 2124-9500  
www.cartoriosarlo.com.br

## CERTIDÃO DE CASAMENTO EM INTEIRO TEOR

MATRÍCULA:  
0246610155 1893 2 00003 013 0000154 14

CERTIFICO e dou fé, por haver sido requerido pela parte interessada que, revendo em meu Cartório nos Livros de Registros de Casamento de número -003, às folhas 013, sob o número 154 de ordem, encontrei o registro de teor seguinte: Aos vinte sete dias do mês de Maio de mil oito centos noventa e tres, pelas quatro e meia horas da tarde, n'esta Cidade, em a casa nº 12 em a ladeira da varsea onde foi vindo o Juis de Direito da 1ª Vara e em exercicio da de casamentos, Doutor José Cardoso da Cunha, com migo Official do registro presentes os contrahentes e as testemunhas do acto abaixo declarados e assignados, e depois da leitura recommendada pelo artigo setimo e seos paragraphos da Lei de vinte e quatro de Janeiro de mil oito centos e noventa, recebidos ficarão em casamento o cidadão AMANCIO PINTO PEREIRA, de trinta annos de idade, viuvo, com dous filhos de nome Inistela, Nina natural desta cidade, filho de Maria Theresa dos Remedios profissão de professor publico, e Dona JOANNA PEREIRA DO NASCIMENTO filha legitima de Joaquim Jose do Nascimento e D.ª Maria Pereira do Nascimento já fallecidos, solteira, natural da Cidade de Anchieta, de vinte e seis annos de idade, solteira. Ambos os contrahentes são rezidentes n'esta Cidade. Forão testemunhas do acto, os cidadãos Cap.º Manoel Ferreira dos Passos Costa Jose Ferreira. Manoel dos Papos Pereira. Em firmesa do que, eu Francisco Pinto de Siqueira, Official do registro lavrei o presente que vái por todos assignados. (ass.) José Cardoso da Cunha, (ass.) Joanna Pereira do Nascimento, (ass.) Amancio Pinto Pereira, (ass.) Manoel Ferreira dos Papos Costa Jose casado, de 49 annos, aposentado, e residentes n'esta Cidade M.º dos Passos Pereira, casado, de 27 annos, off.º do corpo da policia, e residente n'esta Capital

### O REFERIDO É VERDADE E DOU FÉ

Extraída a presente Certidão "Verbum Ad-Verbum", nesta cidade de Vitória, Capital do Estado do Espírito Santo, aos treze dias do mês de maio do ano de dois mil e vinte (13/05/2020). Eu,  Elaine Fudcheller de Medeiros, Escrevente a fiz digitar, conferi, dou fé e assino.

  
Elaine Fudcheller de Medeiros  
Escrevente

ELAINE
Poder Judiciário do Estado do Espírito Santo Selo Digital de Fiscalização 024661.WFG2001.12670
Emolumentos: R\$ 46,72 Encargos: R\$ 14,04 Total: R\$ 60,76
Consulte autenticidade em <a href="http://www.tjes.jus.br">www.tjes.jus.br</a>



Certidão de casamento de Amâncio Pinto Pereira e Joana Nascimento Pereira.



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

RODRIGO SARLO ANTONIO  
Oficial do Registro Civil das Pessoas Naturais da 1ª Zona  
Judiciária da Cidade de Vitória, ES  
Comarca de Vitória

Av. N. S. da Penha, 549, Lj 1, Ed. Wilma, Santa Lúcia, Tel. (27) 2124-9500  
www.cartoriosarlo.com.br

### CERTIDÃO DE ÓBITO EM INTEIRO TEOR

NOME:

JOANA NASCIMENTO PEREIRA

MATRÍCULA:

0246610155 1949 4 00062 026 0023439 61

**CERTIFICADO** e dou fé que, por haver sido requerido pela parte interessada que, revendo em meu Cartório nos Livros de Registros de Óbitos, de número 62, às folhas 026, sob o número 23439 de ordem, encontrei o registro de teor seguinte: TERMO DE OBITO DE Joana Nascimento Pereira na fôrma abaixo: Aos vinte oito dia do mês de janeiro mil novecentos e quarenta e nove, nesta Cidade de Vitória, Capital do Estado do Espírito Santo, neste Cartório compareceu Sennys Pereira Franco e declarou haver ontem às 19.40 horas em Residência, desta Capital falecido: - **JOANA NASCIMENTO PEREIRA**, do sexo feminino de cor morena, com 86 anos de idade, estado civil viuva natural deste Estado profissão doméstica residente em Av. 15 Novembro 1361, Jucutuquara filho de JOAQUIM JOSE NASCIMENTO profissão -, natural - residente em - e de **MARIA PEREIRA NASCIMENTO**, profissão -, natural -, residente em - Foi causa da morte arterio esclerose - cerebral - coma conforme atestado que fica arquivado e se acha firmado pelo médico Dr. Octavio GUasti O sepultamento será feito no Cemitério de Santo Antonio hoje às quinze horas. **OBSERVAÇÕES:** Não deixa bens -Deixa três filhos maiores. Nada mais foi declarado, eu, Helio Valentim Sarlo, escrevente que escrevi e assino com o declarante. (ass.) Helio Valentim Sarlo; (ass.) Serynes Pereira Franco.

O REFERIDO É VERDADE E DOU FÉ.

Extraída a presente Certidão "Verbo Ad-Verbum", nesta cidade de Vitória, Capital do Estado do Espírito Santo, aos doze dias do mês de maio do ano de dois mil e vinte (13/05/2020). Eu, Elaine Fudcheller de Medeiros, Escrevente a fiz digitar, conferi, subscrevo, dou fé e assino.

Elaine Fudcheller de Medeiros  
Escrevente

ELAINE

Poder Judiciário do Estado do Espírito Santo Selo Digital de Fiscalização 924891.WF-02001.12564	
Emolumentos: R\$ 46,72. Encargos: R\$ 14,04. Total: R\$ 60,76	
Consulte autenticidade em <a href="http://www.tjes.jus.br">www.tjes.jus.br</a>	



Certidão de óbito de Joana Nascimento Pereira.



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

RODRIGO SARLO ANTONIO  
Oficial do Registro Civil das Pessoas Naturais da 1ª Zona  
Judiciária da Cidade de Vitória, ES  
Comarca de Vitória  
Av. N. S. da Penha, 549, Lj 1, Ed. Wilma, Santa Lúcia, Tel.: (27) 2124-9500  
www.cartoriosarlo.com.br

### CERTIDÃO DE ÓBITO EM INTEIRO TEOR

NOME:  
AMANCIO PINTO PEREIRA

MATRÍCULA:  
0246610155 1918 4 00022 028 0000329 61

CERTIFICO e dou fé que, por haver sido requerido pela parte interessada que, revendo em meu Cartório nos Livros de Registros de Óbitos, de número 022, às folhas 028, sob o número 329 de ordem, encontrei o registro de teor seguinte: Óbito de Amancio Pinto Pereira, na forma abaixo: Aos treze dias do mês de Agosto de mil novecentos e dezoto, nesta Cidade da Vitória e em meu Cartório compareceu o cidadão Heracito Amancio Pereira e exibindo atestado médico do Doutor João dos Santos, digo, João Lordello dos Santos Souza, declarou que hoje às duas horas da manhã em casa de residência do falecida a rua sete de Setembro número vinte e um, desta Cidade, faleceu de "Syncope cardíaca" AMANCIO PINTO PEREIRA, natural deste Estado, de cinquenta e seis annos de idade, Empregado Publico, casado com Joanna do Nascimento Pereira e deixa cinco filhos. Sepulta-se no Cemiterio de Nossa Senhora da Boa Morte e Assumpção hoje às quatro horas e meia da tarde. E para constar fiz lavrar este termo em que assigno com o declarante. Eu, Raphael de Carvalho, Escrevente, escrevi E eu, Christiano Dias Lopes, official do registro que subscrevi. (ass.) Heracito Amancio Pereira.

#### O REFERIDO É VERDADE E DOU FÉ.

Extraída a presente Certidão "Verbo Ad-Verbum", nesta cidade de Vitória, Capital do Estado do Espírito Santo, aos treze dias do mês de maio do ano de dois mil e vinte (13/05/2020). Eu, Escrevente a fiz digitar, conferi, subscrevo, dou fé e assino.

  
Elaine Fudchele de Medeiros  
Escrevente

LAINE

Poder Judiciário do Estado do Espírito Santo  
Selo Digital de Fiscalização  
024661.WFG2001.12561

Emolumentos: R\$ 46,72 Encargos: R\$ 14,04 Total: R\$ 60,76

Consulte autenticidade em [www.tjes.jus.br](http://www.tjes.jus.br)



Certidão de óbito de Amancio Pinto Pereira.

Bibliotheca das Folhinhas Laemmert

613

JORGE

OU

PERDIÇÃO DE MULHER

POR

AMANCIO PEREIRA

OFFERECIDO AO

Dr. Ernesto Mendo de R. Oliveira

(Novella)

RIO DE JANEIRO

Companhia Typographica do Brazil — Rua dos Invalidos 98

Capa da novela "Jorge ou Perdição de Mulher",  
publicada no Rio de Janeiro, c. 1886.

NOÇÕES ABREVIADAS  
DE  
**Geographia e Historia**  
DO  
ESTADO DO ESPIRITO SANTO

---

I

PRELIMINARES

A SCIENCIA GEOGRAPHICA E SUAS DIVISÕES

*do* **Geographia** é a descripção scientifica da physionomia actual da Terra, nas suas relações com o homem e a sua actividade.

Divide-se em *Astronómica, Physica, Política, Economica e Historica*.

A **Geographia Astronómica** ou **Mathematica** é a que descreve a Terra em relação aos outros astros.

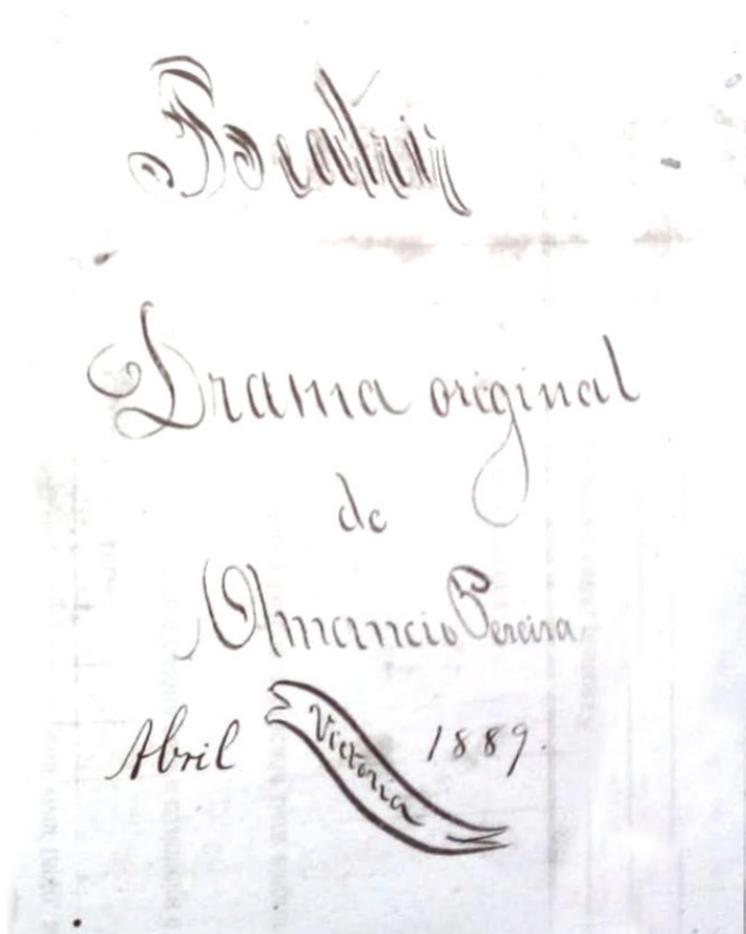
A **Geographia Physica** é a que descreve a Terra em seus elementos solido, liquido e gasoso, estudando-lhes as formas e os phenomenos que nelles se realizam.

Compreende tres ramos: — a *Aerologia*, estudo da atmosphera; a *Hydrographia*, estudo das aguas; e a *Stereographia*, estudo da parte solida.

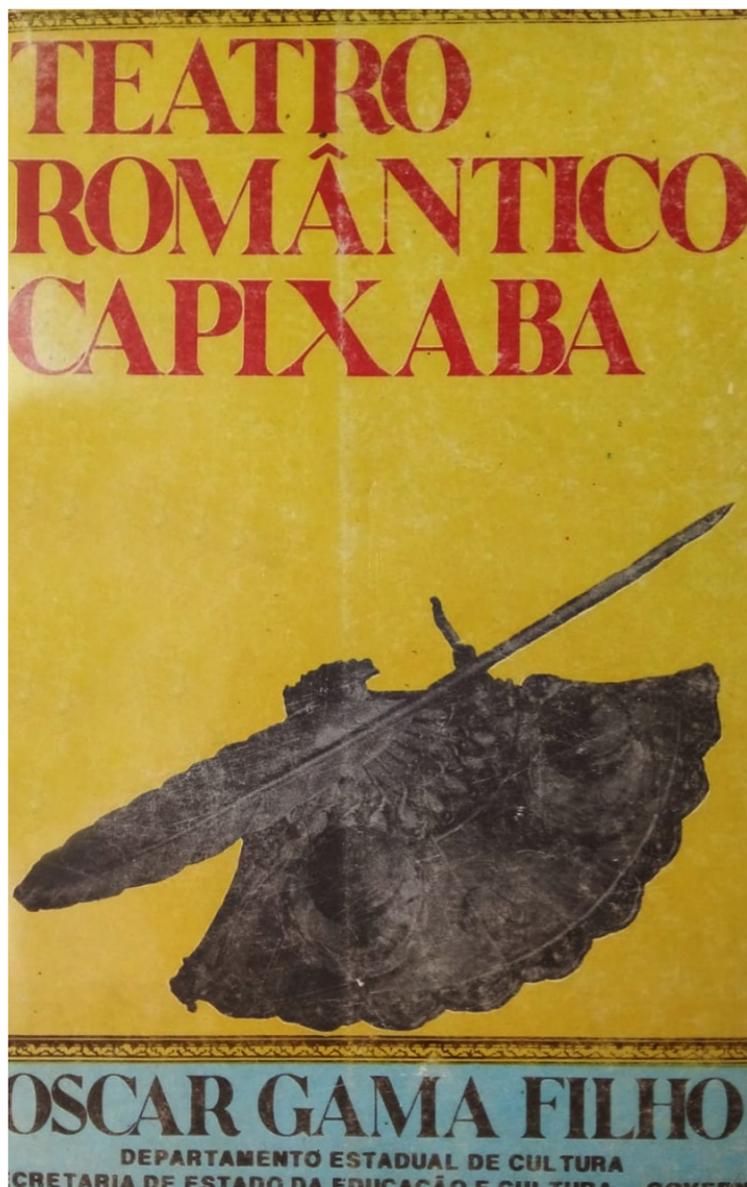
A **Geographia Politica** ou **Social** descreve os paizes, os povos, suas relações entre si, sua importancia e suas instituições sociaes.

A **Geographia Economica** estuda a producção agricola e industrial da Terra, o seu transporte e intercambio, com-

Folha de rosto do "Noções Abreviadas de Geografia e História do Estado do Espírito Santo", edição póstuma de 1921.



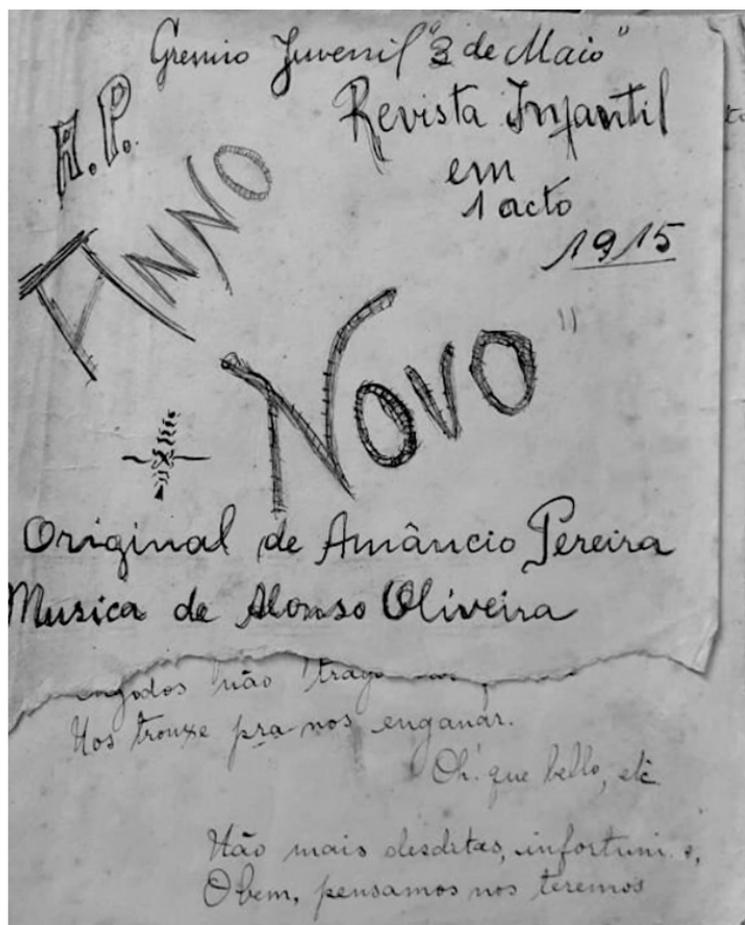
Folha de rosto de "Beatriz", drama original de Amâncio Pereira. 1889.



Capa do livro “*Teatro Romântico Capixaba*”, de Oscar Gama Filho, com ilustração da pena e tinteiro pertencentes a Amâncio Pereira.

**O Tio Mendes**<sup>65</sup>  
**Comédia em um ato**  
**1890**

Comédia de Amâncio Pereira transcrita no livro *“Teatro Romântico Capixaba”*.



Original da revista infantil "Ano Novo", de Amâncio Pereira, encenada em 1915.



Geovana Amâncio Pereira, bisneta de Amâncio Pereira e guardiã de sua memória.



Maria da Penha Amâncio Pereira (1927), a Mariazinha, neta de Amâncio Pereira e guardiã de sua memória.



## Referências

ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS. **PATRONOS & ACADEMICOS**. 4ed. Serra: Formar. 2014. Apoio da Prefeitura Municipal da Serra (Lei Chico Prego).

**Almanak do Estado do Espírito Santo**. Primeiro Ano. Red. Amâncio Pereira. 1899. Editor A. Moreira Dantas. Vitória-ES.

**Almanak do Estado do Espírito Santo**. Primeiro Ano. Red. Amâncio Pereira. 1918. Vitória-ES

**Almanak do Estado do Espírito Santo**. Segundo Ano. 1919. Red. Maria Leonídia Pereira e Heráclito Amâncio Pereira. Vitória-ES.

CARVALHO, José Augusto. “Panorama das Letras Capixabas”. **Revista de Cultura-Ufes**. Ano VII. N.21.1982.

CLAUDIO, Afonso. **História da Literatura Espírito-santense**. 2ed. Rio de Janeiro: Xerox. 1981.

DANTAS, Colette. Org. **Revivendo o Melpômene**. Cinco atos da memória de um teatro de madeira. Vitória: Diálogo, Comunicação e Marketing. 2017.

ELTON, Elmo. **Logradouros antigos de Vitória**. Vitória: Edufes/PMV. 1999.

FERREIRA, Lea Carvalho. **A Casa Paterna**, Vitória. s/Ed.1979.

GAMA Fº. Oscar. **Teatro Romântico Capixaba**. DEC/INACEN. Vitória-Rio de Janeiro. 1987

\_\_\_\_\_. **História do teatro Capixaba: 395 anos**. FCAA/FCES. Vitória. 1981.

HORTA, Areobaldo Lellis. **A Vitória do meu tempo**. Vitória. AEL/PMV. 2007

LEAL, João Eurípedes F. **História da Educação no Espírito Santo**. In: <http://www.estacaocapixaba.com.br/2016/01/historia-da-educacao-no-espírito-santo.htm>.

MORAES, Paulo Stuck. Uma descendência do professor Amâncio Pinto Pereira. In: **Revista Capixaba de Genealogia**. VII. GENEALOGIA, Vitória, nº VII, p.121-137. 2020.

NEVES, Guilherme S. “Amâncio Pereira e o Nosso Folclore”. Coletânea de Estudos e Registros do Folclore Capixaba. 1944-1982. Vol. 2. Vitória: Centro Cultural de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo. 2008. Org. Reinaldo Santos Neves.

NOVAES, Maria Stella de. **História do Espírito Santo**. s/d. Vitória. FCES.

\_\_\_\_\_. **A Mulher na História do Espírito Santo** (História e Folclore). Vitória: Edufes/IHGES/PMV. 1999.

PEREIRA, Amâncio P. **Homens e Causas Espírito-santenses**. Vitória: Artes Gráficas. 1914.

**REVISTA DO IHGES**. Ano I. N.1. 1917. Edição história comemorativa. 1917.



**Origem da família Amâncio:**

Este é um sobrenome de origem europeia, mais precisamente vindo de Portugal. Ele é considerado como um patronímico, por se tratar de um nome próprio, que provavelmente seria o nome do fundador dessa linhagem.

O nome que deu origem a este sobrenome é Amâncio mesmo. Ele vem do latim *Amantius* que tem significado de "Aquele que ama", "Amante". É um nome bem interessante e bastante poético tendo em vista a sua origem.

Tomou forma de sobrenome através de alguém conhecido como "Fulano filho do Sr. Amâncio" ou "Fulano filho de Amâncio" e depois "Fulano do Amâncio", transmitindo posteriormente esta designação aos seus descendentes na forma de sobrenome.

